

- (11) R. G. Willey — Ceramics, in Handbook of South American Indians, Smithsonian Institution, vol V pag. 182.
- (12) Herbert Baldus — op. cit.
- (13) Compare também A. Andrade — Estudo das matérias corantes de origem vegetal, em uso entre os índios do Brasil e plantas de que procedem, Archivos do Museu Nacional, Rio de Janeiro, 1926.
- (14) Herbert Baldus, — op. cit.
- (15) Max Schmidt — Nuevos Hallazgos prehistóricos de Paraguay, Revista de la Sociedad Científica del Paraguay, tomo III, nr. 3, Asunción, 1932.
- (16) F. C. Mayntzhusen — op. cit.
- (17) Juan B. Ambrosetti — Los cementerios prehistóricos del Alto Paraná (Misiones), Boletín del Instituto Geográfico, tomo XVI, Buenos Aires, 1895.
- (18) R. W. Tibiriçá — Cerâmica pre-colombiana paulista, Revista do Arquivo Municipal, vol. XV, S. Paulo, 1935.
Idem — Cerâmica Indígena Precolombiana — Revista do Arquivo Municipal, LVI, S. Paulo, 1939.
- (19) A. Serrano — Arqueologia Brasileira. Subsídios para a arqueologia do Brasil Meridional, Revista do Arquivo Municipal, vol. XXXVI, S. Paulo, 1937.
- (20) Idem — Etnografía de la Antigua Provincia del Uruguay, Paraná, 1936.
- (21) Idem — Los aborígenes argentinos — Buenos Aires, 1947.
- (22) V. M. Badano — Notas Arqueológicas II. Piezas enteras de alfarería del litoral existentes en el Musvec de Entre Rios, Memorias del Museo de Entre Rios, nr. 14, Paraná, 1940.
- (23) Alfred Métraux — La civilisation matérielle des tribus tupi-guarani, Paris, 1928.

CEDI - P. I. B.
DATA 18/08/86
COD IXD03

OS IRANCHE

Contribuição para o Estudo Etnológico da Tribo

JOSÉ DE MOURA, S. J.

INTRODUÇÃO

Até o presente, somente Rondon e Max Schmidt se referem aos Iranche em publicações originais.

Apresentamos aqui material inédito, sem dúvida, mas sem a pretensão de reconstruir perfeitamente a vida iranche. Nem se pode esperar destas páginas uma interpretação radical dos dados expostos. Nosso fito é descrever algumas observações feitas por missionários jesuítas e apresentar um estudo sobre a língua destes índios, constando de um vocabulário e um esboço gramatical.

Dividimos a exposição em três partes: Cronologia, notas esparsas e língua.

CRONOLOGIA

A tribo iranche passou desconhecida pelos séculos passados. Nenhuma referência de viajantes nem dos bandeirantes a respeito desta tribo. As primeiras notícias datam dos tempos da Comissão Rondon:

"A linha telegráfica tem na margem esquerda do Corecê-inazá (ou rio Cravari) uma estação que, em homenagem à memória do fundador dos telegrafos nacionais, recebeu o nome de Barão de Capanema".

"Este rio não figura nos mapas, nem consta de nenhuma citação anterior aos trabalhos da expedição de 1907; deve-se o seu descobrimento ao seringueiro Manuel Rondon, que o denominou de Cravari "por ter achado esse nome bonito".

"No vale do Corecê-inazá vivem os Iranche, que daí se derramam pelo curso inferior do Sauêru-uiná e do Zolaaruiná" (1).

As primeiras notícias se resumem no seguinte: Os Iranche se definem por uma índole pacífica e até mesmo tímida; os seringueiros foram os primeiros civilizados a se encontrarem com os Iranche; informação de que a língua é um dialeto parecí; mensagem de pacificação. Cai logo em vista o procedimento antagônico dos seringueiros, queimando maloca e matando índios, em confronto com o modo humano da Comissão Rondon. (2).

É de notar que a indicação dada por Rondon sobre o fato de chegarem os Iranche à fala com os empregados da Linha Telegráfica de Utiariti, em Julho de 1909, exprime uma troca real de expressões por meio de gestos e não por palavras. Indaguei pessoalmente alguns empregados da linha telegráfica em Utiariti em 1954. Assim me descreveram:

Os índios iranche apareceram pela primeira vez, no tempo da seca de 1909, vindo o chefe na frente. Os que seguiam imitavam em tudo o chefe, caminhando por baixo da linha telegráfica, ao outro lado do rio Papagaio. Não traziam arma nenhuma nem vinham com mulheres.

Na estação de Utiariti, remedavam todos os gestos dos civilizados e repetiam fielmente e com o mesmo tom e variação de voz dos civilizados, tudo quanto se lhes dizia. Mas entre si falavam. Os tais índios entenderam que estavam em bom ambiente. Voltaram quilômetros atrás e trouxeram as armas. Trocaram algumas por ferramentas, deixando a todos admirados pelo desejo de trabalhar, como deram a entender.

Na época difícil das chuvas, tentou Max Schmidt aproximar-se dos Iranche — Fevereiro de 1928. Quase infrutífera se lhe tornou a empresa, quando inesperadamente os índios o visitaram em Utiariti. (3).

Tendo eu um exemplar da revista paraguaia, mostrei-a a José Miguel em Diamantino em 1956. Sendo José Miguel da mesma maloca que os índios fotografados por Max Schmidt, identificou o índio rapidamente as fotografias — admirando a precisão e fidelidade!...

Max Schmidt apenas colheu a palavra "kakauri", bem traduzida e que não figura no Boletim do Museu Nacional. Desprezou com razão os vocábulos obtidos pelos empregados do telégrafo.

Em 1932, anota o Pe. João Dornstauder, S. J., que os Iranche apareceram pela última vez na estação telegráfica de Utiariti, encerrando nesta data a temporada de visitas a Utiariti, iniciada em 1909. A data coincide com a queda de fervor no serviço da Linha Telegráfica, ocasionada pela crise política do país. De fato, os empregados veteranos da Comissão Rondon lembram os primeiros tempos do telégrafo, como tempos modelos de disciplina e lealdade.

Em 1935, o Pe. Mello, S. J., atual bispo-prelado de Diamantino, tentou infrutiferamente atingir malocas iranches, por falta de guia experimentado.

Em 1943, o Pe. João de Freitas S. J., realizando a última excursão missionária da vida, atingiu uma tapera nas cabeceiras do córrego Tapera, sem encontrar índios. O capitão Antônio identificou o lugar em 1948, por uma forquilha ainda existente. O rancho era de seu pai. Nesta excursão, o Pe. João de Freitas, curtindo fome, contraiu uma forte anemia. Deixou a missão em 1945 e faleceu a 19 de outubro de 1948, com 42 anos apenas de idade. Assim conta um confidente: "Ficava-se comovido até às lágrimas ao ouvi-lo contar, com a máxima naturalidade, a última das suas excursões naquelas imensidades matogrossenses. Três dias e três noites passou êle sem alimentação, tendo que percorrer distâncias enormes a pé... Nunca se ouviu sair de seus lábios uma palavra de queixa; sempre falou da sua querida Missão com palavras de saúde". Assim é que veio a falecer em São Paulo.

Em 1945, o sr. João Clímaco, acompanhado dos índios parecis Pedrinho e Canazó, desceu em expedição aos Iranche. O resultado da expedição foi a fundação do Posto Major Libânio Coluizorecê, vulgarmente chamada Tolosa. Realizava-se o sonho de Rondon, expresso na conferência de 1910 em São Paulo.

Em fins de 1946, Henrique de Oliveira, tropeiro do depósito de borracha do rio Sacre, leva aos protestantes norte-americanos de Utiariti 8 índios iranche, a trabalhar e conseguir ferramentas.

1947

Em 24 de Outubro, o encarregado do Posto Tolosa, Sr. Silvino, leva 7 iranche a Utiariti, primeiro aos padres e logo depois aos norte-americanos.

insistindo para que os padres os acompanhassem à maloca. Em lugar deles, Henrique de Oliveira, acompanhado dos índios parecí, Zazo, Pedrinho e Machadinho, bateram as pegadas dos Iranche. Exploraram regiões de borracha. Chegaram até o córrego Capoeira, cousa de 6 km distante do rio Cravari.

Em dezembro, um grupo de seringueiros acompanhados dos índios parecí Zazo e Tito, atingiram efetivamente uma maloca dos Iranche.

1948

Em março, o norte-americano Roberto visita a maloca já conhecida. Neste mês ainda, provavelmente sem conexão com a visita do Sr. Roberto, 6 Iranche visitam Utiariti, indo parte com os padres e parte com os norte-americanos.

Em maio, Pe. Roberto, ancião de 66 anos, acompanhado do Irmão Luiz e o índio Parecí Zazo, visita os Iranche, trazendo 15 destes índios a Utiariti. Os jesuítas tentaram então organizar um regime verdadeiro de trabalho. Os Iranche não se sentiram mal.

Em julho, 14 Iranche visitaram Utiariti.

Em agosto os Iranche viram-se atacados por índios inimigos a quem chamam de "Tikóli", inimigos fígadais. Um grupinho de pescadores foi atacado. Provavelmente só a este fato é que se refere uma narrativa de José Miguel em Diamantino em 1955:

"Eu contar padre: Nós pescar, caçar, iranche pouco. Ai voltar. Dia um viajar pouco. Nós falar; tudo perto andar. Iranche companheiro nosso andar preguiça (José tentava explicar melhor, faltavam-lhe porém palavras portuguesas e não queria contar o fato em língua iranche). Um nós olhar prá trás, gritar: "Corre, corre!"

Vou contar padre: home grande, boca dele feio mesmo, páu na mão pesado, grande trazer, correr mesmo, correr muito. Ele corage muito mesmo: flecha deixar, páu só trazer, correr. Nós gritar companheiro nosso: corre! Ele correr nada. Índio grande inimigo medo nada, páu bater cabeça companheiro nosso. Nós correr, matar tudo entrar". Não pude entender mais da narrativa que versava sobre alguns costumes dos inimigos. Apenas pude entender que usam arcos e flechas bem maiores que os Iranche.

Padre João Dornstauder anota o seguinte sobre os acontecimentos dos pescadores e suas conseqüências:

"Um foi ferido. Todos se esconderam no mato. O Pe. Roberto encontrou uma família já aquém do Paredão. Então o Irmão Luiz, ajudado por Inácio, os convidou a vir a Utiariti. Juntaram-se no Paredão, donde os trouxe o Pe. Dornstauder. Reuniram-se com muito custo e uma turma nem veio. Não traziam massa, o que parece sinal que os "Tikóli" estavam ocupando a maloca, como de fato afirmaram. Carregaram consigo os doentes. Um morreu no caminho, outro morreu em Utiariti, onde chegou com muito trabalho. Um morreu no Posto (Tolosa) e logo outro que viera da outura maloca. Em Utiariti compareceram 63 Iranches. Pela primeira vez apareciam mulheres em Utiariti".

Avisados o General Rondon e a Inspeção de Cuiabá sobre os acontecimentos, o Dr. Benjamim, chefe regional, dispôs a trasladação dos Iranche para o Posto Major Libânio Coluizorecê. Efetivamente, a mudança se efetuou nos dias 29 e 30 de agosto.

Padre Dornstauder comenta a dificuldade da transferência: "As razões eram doenças (gripe, maleita, febres), abatimento, indisposição da maioria por não ver razão da mudança, apêgo a Utiariti, exigências, como condição indispensável, como assim se exprimiam: "Caminhão, calabina!" As razões que mais moveram os Iranche a se mudarem para Tolosa foram: "O padre vai junto; o "Cuiabá-capitão" virá ao posto". Apenas uma turma se transferiu, acompanhada de alguns outros índios de outras turmas. Os que iam da

maloca a Utiariti, depois da transferência, eram encaminhados ao Posto e se não queriam, eram despedidos, pois em Utiariti minguaram os recursos de vida.

De 16 a 24 de setembro os homens do Posto, acompanhados do Pe. João Dornstauder, descem a explorar a região dos Iranche à margem direita do rio Cravari. A terra fraca constitui um fato de desânimo crônico no trabalho de soerguimento da tribo, que vive um momento histórico feito de calamidades.

De 19 de outubro a 2 de novembro Pe. Dornstauder, auxiliado pelo Posto Tolosa, explora de novo o Cravari, descendo então até às malocas de baixo pela primeira vez.

Os iranche entretanto vão descendo aos grupinhos do Posto para as suas malocas.

1949

Em janeiro, apenas resta uma família iranche no Posto Tolosa.

Em 17 de abril, prometendo voltar, a última família iranche restante deixa o Posto, por falta de recursos.

Em maio, Pe. Dornstauder resume a situação dos Iranche conhecidos: "Distribuição e malocas. Quanto se sabe até agora, não passam muito de cem índios, distribuídos em três turmas.

"A primeira turma. Chefe: Antônio. Foram os mais expostos aos ataques dos "Tikóli", por isto se acolheram à segunda maloca onde foram encontrados. Foram os que mais se aproximaram a nós e aos civilizados em geral. Deram sinais inequívocos de quererem estabelecer-se, pelo menos transitóriamente em Utiariti. Depois da transferência para o Posto resolveram ligar-se ao Posto. Dessa turma é que ficou uma família no Posto e é provável que voltem outros.

"Observação: parece que se desgostaram demais com as perdas que lhes causaram os "Tikóli". Sentem estar dependentes de outros, isto é da turma de Acácio e consumir-lhes a mandioca. Inácio é dessa turma".

"Segunda turma. Chefe: Acácio: Habita acima do salto. Não se simpatizam com o Posto. Só vêm para ganhar o que precisam, mostrando que não querem largar suas terras. Contam com a ajuda dos padres. Dão esperanças.

"Terceira turma. Chefe Canuto; seu filho: Carlos.

Não veio por ocasião da retirada dos outros. Vieram uma vez a Utiariti; e parte deles ao Posto. Só vêm para ganhar ferramenta e roupa. Mostram-se ciumentos das suas terras. Estão em rixa com o grupo de Antônio, questão de mulheres. N. B.: presentemente já chegaram a um acôrdo".

"Os Iranche recebem influência de vários centros de atração:

1 — Do Serviço de Proteção dos Índios, que pretende assumir a administração exclusiva da tribo. Sua ação, até agora, foi indecisa e insuficiente.

Seu objetivo principal é recolher os Iranche em lugar onde possam estar ao abrigo dos Tapanhuma (diz o Dr. Benjamin). (4). Falou-se de mudança do Posto em maio. Indecisão no pessoal da Inspeção entre as duas formas: se seria melhor trazê-los mais perto dos civilizados e da zona de recursos (Clímaco, Silvino) ou então se será necessário aproximar-se mais deles.

"Observação: Talvez nem mude o Posto, ou então só por dois km, ou duas ou três léguas. Alguns falam também do Paredão. (5).

"2 — Protesetantes. Desde o começo até o dia de hoje deram mostras de quererem tratar deles. Os Iranche reconhecem no Sr. Roberto um amigo.

"3 — Parecis do Posto, especialmente Pedrinho. Simpatizam muito com eles. Sem eles, os Iranche não teriam permanecido tanto tempo no Posto. Pedrinho (guia e explorador) ofereceu-nos seus serviços. Falou também com os Iranche, que iria à maloca deles para ajudar-lhes a fazer roça de arroz, plantar bananeiras, etc.

"4 — Seringueiros. Em geral, mostraram-lhes simpatia. No ano passado corria o boato de uma exploração de seringueiros nas matas do Cravari. (6)

"Frente a essas influências, os Iranche adotaram no começo a política simplista de quererem contentar a todos. Ainda hoje vão facilmente com quem lhes sabe agradar. Parece que se dão conta atualmente do papel do Posto (governo) e do padre (função religiosa).

"Suas expectativas:

1) Procuram alguma garantia contra os "Tikóli". Apela para o "sloggan": "caminhão, calabina!"

2) Querem ferramenta, roupa, anzóis...

3) Apreciam o arroz. Em geral são desejosos de adiantar-se na lavoura e outras cousas".

1950

Em junho, morrem Jacó e Ana com algumas crianças. Eram os patriarcas das malocas de Acácio e pais deste.

No segundo semestre, observam-se novas lutas na tribo.

No fim do ano, no tempo difícil das águas, irrompe a gripe coreana. Precisamente neste tempo em Utiariti e no Posto Tolosa minguaram os recursos e suprimentos.

1951

No começo do ano ainda persevera a gripe.

Em junho morrem onze índios da maloca de Acácio, estando incluído o mesmo Acácio e sua mulher. Com tal acontecimento, os Iranche restantes desta maloca também começaram a buscar relações com os civilizados.

Em 14 de novembro, chegam a Utiariti as últimas crianças levadas desta maloca pelo Pe. Dornstauder a Utiariti.

1953

Os Iranche, desentranhando um tanto os segredos da tribo, falam de uma turma de índios Iranche perdidos na barra do rio Cravari com o Sangue. Pe. João Dornstauder, devotado plenamente aos índios Iranche, tenta ir até lá. Partiu de Utiariti no dia 1 de julho.

Sua excursão, infrutífera quanto ao intento principal, constitui, no entanto, a última palavra até o momento sobre o território dos Iranche: documento até mesmo impressionante. Começa a narração em Barracão Queimado.

"Armando e André levam os burros de volta a Utiariti. Capitão Antônio não está no Cravari. Fazia derrubada a três dias de viagem. Ele apareceu e tratei da ida aos Iranche da barra. As mulheres principalmente se opõem ao projeto. Optei pela ida à maloca de Pedro, filho de Antônio João. Capitão Antônio aceitou, pois desejava que Pedro lhe viesse ajudar na lavoura e a manter a disciplina da "flauta". A disciplina foi suprimida pelo vai-vem de aproximação aos civilizados e pela dispersão e diverso recrutamento das turmas. Falavam os Iranche em abandonar o Cravari. Afinal, reorganizaram-se as turmas e roças. Antônio convidou-me a visitar Pedro, oferecendo-me guias e companheiros. Aceitei e fui.

Cheguei lá depois de 6 dias de viagem desde Barracão Queimado. Caminhada por matas separadas por campos, cerrados e brejos e córregos.

Pedro não estava. Queimava o campo. Encontrei-me com ele no segundo dia de viagem já de volta. (7).

Capitão Antônio João e seus irmãos nunca estiveram em Utiariti. Sua mãe foi morta pelos "Tikóli". Sua mulher, 2 a 3 meses antes, tivera uma criança e educava Terezinha já de 9 anos.

Antônio João estava roçando mato e vinha com uma camisa "perpétua", nunca lavada. Estes índios deixam o tecido no corpo até cair em pedaços. A mulher trajava um vestido novo, mas pequeno demais para ela; a menina um vestido usado e grande demais. Estes vestidos vieram da mulher do Capitão José, que mora a meio dia de viagem, e essa por sua

vez-recebia dos protestantes. Outras peças de roupa, cintos de material plástico, tudo chegavam aos filhos de Antônio João, por intermédio dos que trabalham com os protestantes.

Mostraram indisfarçável curiosidade e estima pelo padre, mas não puderam esconder certa desconfiança. (8).

Cumprimentei-os segundo o estilo. (9). Propositadamente não toquei na criança bem nova ainda, para não dar ensejo a qualquer suspeita no caso de sobrevir algum mal à criança, como pressentia.

Antônio João tem alguns traços de civilizado e uma barba rala no queixo comprido. Deu impressão de calma ponderada e prudência, apesar de certa desconfiança. Mas é índio nas reações e modo de falar, na espontaneidade genuína de homem que não deixou de ser criança em adulto. Familiarizado e seguro no arco.

Após um tempo expus a matéria da primeira catequese: Deus Criador e Remunerador. Isaque, nesse momento, veio com uma peneira na qual tinha grãos de milho fôfo tostado e pedaços de carvão e outras sujeiras, de que os separava. Tomei o fato para ilustração: O milho ficou e a sujeira deu o fora. Pois assim será no juízo final e assim fará Jesus com os bons e máus. Insisti então sobre a bondade de Jesus.

Erros sobre a origem da doença e morte. Justiça vingativa é para eles braveza e malvadeza (parece que não há termos adequados para apresentar com justeza a idéia deles. Identificam "ser bom" com passar bem".)

Apreciação absorvente desta vida em comparação com a outra eterna. Certamente, Jesus tem sido assunto de longas e "curiosas" conversas entre eles. Quando perguntei se ele (10) sabia isto, se gostava de Jesus, respondeu de pensado que sim.

Propôs que os filhos fôsem a Utiariti trabalhar depois de passadas as chuvas, para ganhar o que pediram. Isaque poderia ir logo para aprender a ganhar. Também a menina.

No outro dia, sem nenhuma instância minha, todos resolveram vir comigo, buscar Pedro e visitar o Capitão Antônio. Nesse dia Alonso caçou um macaco. À tardezinha, hora de escolher pouso, ameaçou uma chuvinha de friagem. Isaque perguntou-me com toda a seriedade, se Alonso ia pegar aquele macaco ou não, e se ia chover ou não. (11).

Outro dia, pela manhã, encontramos Pedro. Chamou a atenção que as mulheres se cansaram bastante, iam afogueadas com o trabalho de carregar as crianças e a cesta. (12). Alguns dos córregos em que tomaram banho levava água bem fria. As duas noites de pouso no mato eram frias; o fogo facilmente apagava. Eles não tomam qualquer lenha para o fogo mas também não selecionam muito quando a apanham.

Pedro esteve em Utiariti com a turma que veio com o padre Roberto em maio de 1948. Houve catecismo, serviço religioso, viu a igreja. Esteve na maloca de Acácio em junho de 1949, por ocasião da construção da casa-capela. Deu mostras de incredulidade. Afirmou-se como pagé (rezador e diretor do canto da flauta).

Em 1950 esteve, parece, como principal entre os desacatadores do crucifixo e opositores ao padre. Dizem que foi ele que deu o talho na cabeça e que depois fugiu. (13). Pouco depois, no caminho de volta, morreu-lhe uma criança, atribuindo a morte a poderes conjurados pelo padre e vindos de Cuiabá, como outros pensavam também por ocasião da coreana de 1950 e 1951. Mande avisar amigavelmente que o ia ver.

Agora estava ele. Parecia agitado. Sempre que falava de Jesus, fê-lo com certa preocupação, mas ao mesmo tempo o elogiava. Sua mulher, sem vestidos, pintada de urucum, abraçava-se com a criança, sentadas ambas à parte no chão.

Pedro disse em certa ocasião, quase textualmente, que Jesus vem "buscar gente", quando uma pessoa morre. Esse pensamento anda ligado ao seu

modo de considerar a doença e morte, causadas sempre por uma pessoa estranha e malévola.

Na noite de 11 para 12 de julho, à noite (pelas 10 horas), pousados numa clareira dum mato, explodiu um bólido (14). O inesperado, a rapidez, a violência do fenômeno os apavorou e eu senti também um calafrio no primeiro momento da explosão.

No dia seguinte perguntou-me se Jesus veio falar comigo. Em outra ocasião disse também que sua mulher plantou mandioca mansa para Jesus vir beber. Procurei então corrigir as idéias erradas e separá-las do mundo de idéias nativas, apresentando as verdades com autoridade e com a sua força original, soberana e divina.

Dia de chegada na maloca do cap. Antônio. A mulher do cap. Antônio João estava defluxada. Carlos, irmão (primo) de Antônio João com tosse crônica piorada e êsse mesmo também com uma tosse crônica funda.

Durante a noite dançaram e tocaram flauta no terreiro com profunda camada de poeira. Toda a noite afora um breve descanso depois da meia noite, em que não entraram na casa. Só Alonso ia e vinha para incentivar a preparação das chichas de milho e mandioca. "Reza" do Cap. Antônio João. O último canto de flauta. Impressionante pela nostalgia, variedade de motivos e delicadeza. (15).

De manhã, dia estabelecido para a volta ao Cravari e daí a Utiariti, a fim de buscar os animais para levar as crianças e uma pequena comitiva a Utiariti. Essa voltaria logo. Todos com tosse e começo de defluxo afora Alonso e os que ficaram dentro de casa. Dêses só Maria, a mulher de Antônio adoeceu: excesso de trabalho nesses dias; falta e irregularidade de agasalho. Já no dia anterior o Cap. Antônio tinha saído com ela, a tarde para aplicar-lhe um curativo. Fêz sinal de defluxo. Isaque deveria ir até o Barracão Queimado e de lá trazer os remédios que deixei lá com outras cousas. Além de pernoitado, estava ele defluxado e com começo de gripe. Levamos dois dias e meio até chegar ao Barracão Queimado. Remediei o caso com alguns paliativos que deixei numa das malocas do meio. Aconselhei discrição no banho.

No Barracão Queimado dei-lhe afora um melhoal e dois antigripais, com que melhorou o estado geral. Dei-lhe Sedacofa, contra a tosse, com ótimo resultado memontâneo. Observo a notável influência da falta de abrigo na tosse: dormem sem camisa, ou simplesmente sem roupa, com um regime de fogo pequeno e irregular. Apenas se abrigam, diminui a tosse.

Descanso total de um dia e meio com 2 noites. Boa alimentação (afora carne. No dia 17 saímos às 6 horas da manhã ele para a maloca e eu para Utiariti. Ele devia atravessar logo o rio. Levava boa matula. Compreendeu bem o uso dos remédios anti-gripais e sedacofa.

Ficou admirado sobre as muitas cousas que trouxe, ficando tudo no barracão. Ficou simplesmente abalado com várias cousas que lhe dei, entre outras cousas uma camisa usada, bastante boa, após tê-la lavado com água quente fervida com sabão durante meia hora, na beira do rio, numa lata de querosene. Levou também riscado numa taboinha, o número de dias — 10 dias — no fim dos quais deveria estar no Barracão de novo com as crianças e os pais: dois dias de viagem, três de descanso e cinco de viagem para o barracão. (16).

Cheguei a Utiariti no dia 18 às 11 horas. Ainda deu tempo para celebrar.

Voltei ao Cravari no dia 25, chegando ao Barracão no dia 26 às 2 horas da tarde. Falhei um dia. Dia 28 pela manhã soltamos os burros peados, pois perto grandes extensões de cerrados estavam queimados e com capim brotando. (17).

Eu com Maurício, atravessamos o rio e caminhamos rapidamente a modo de chegar ao pôr do sol, já perto da maloca de Antônio. Era prudente trazer o índio comigo, ainda que não conhecesse o caminho. Facilmente se orientam e

seguem um rasto quase inexistente. Às vezes o caminho quase se apaga e há numerosos acidentes geográficos.

Dia 29 separamo-nos. Maurício voltou, chegando ao Barracão Queimado à tarde. Comeu e foi atrás dos animais que encontrou, aproveitando o luar, a quase 5 léguas do Barracão Queimado. Iam sempre pelo caminho. Eu por minha vez segui, contornei a maloca do Cap. Antônio, sem querer, errando o caminho no mato.

A entrada do mato onde segue o caminho até a maloca do cap. José, topei com o cap. Antônio e seu afilhado José. Tive então notícia da morte do cap. Antônio João, de sua mulher e de sua filha Terezinha. A criança de peito é para eu levar. Todos doentes.

Antônio suspendeu o chiri com milho, que ia baldeando para a sua maloca e andando foi comigo. Estiveram numa Tapera que fica não longe de lá.

Três ranchos com palha fresca. Um, de Antônio, Carlos, Zacarias e Pedro: todos lânguidos, tossindo violentamente, cuspidos sem nenhuma moderação. piores estavam a mulher de Antônio e Pedro. E para admirar que não pegaram até agora a mulher de Pedro e os três meninos: José, Anastácio e Rufino. No segundo rancho: Matias e Alonso, todos bons. No terceiro: Tomé com sua mulher e Isaque. Desanimados. A criança que deixou Antônio João, na rede com Tomé, no meio dos escarros. "Não tenho peito disse êle. A criança chora. Você levar. Mamãe falar". Fiquei neste dia. Antigripais e Metoquina.

Dormi num pouso improvisado com Manoel Maria, um fogo no meio das rédes. Vento de quase friagem durante a noite.

No dia seguinte mudança para a maloca de Antônio. Todos vão. Teimam em ir. Pedro quase se arrasta. Eu fui duas vezes carregando cousas. Da segunda vez Cap. Antônio carregou a mulher às costas. Pousamos na saída da mata. A conversa cai sobre os "Tikóli". Um verdadeiro passo. À esquerda, um córrego (penso que vai dar no Cravari), à direita, outra mata com várias cabeceiras (Penso que são águas do Nascente). Mostrou-me Antônio um tóco lascado de páu duríssimo: "aí estava espetada a cabeça" e assim Antônio insiste irmos juntos, quando quis me adiantar.

31 de julho: Convidaram para ficar. Tratei dos doentes. Encaminhei combinações. Ensinei a Antônio como dar os comprimidos. Passei fome. N. B.: Com penicilina ou sulfas, penso, a julgar por outros casos, se teria atalhado esta gripe. Iam melhorando. Morreu ainda, poucos dias depois, Pedro. Deram-me depois seu arco.

1.º de agosto. Só ao sair fico sabendo quem iria comigo. José do Antônio, olhar amedrontado, desanimou. Veio Manoel Maria com um pesadíssimo chiri de milho. André quase de má vontade. Alonso com sua mulher, levava o Miguel, seu filho. E eu que tinha que levar "Mariano", como chamei a criança, depois com o nome de Urbano! Fiz de dois sacos uma espécie de faixa semelhante como usam as mulheres para carregar as crianças. Levei a mais a minha mala.

Andamos neste dia até a maloca de Canuto. Todos estavam cansados. Nada para comer. Mas sempre se come. Aprendi a lidar com criança — utilíssima lição! Como a mulher não amamentou bastante, comeci a dar-lhe um pouco de água com rapadura. Chorava bastante durante a noite, sempre procurando o peito. Quando andava, sempre dormia. Respondeu a carícias, mas não mostrou conhecimento.

Outro dia chegamos ao Barracão Queimado. Travessia do Cravari a nado. Todos exaustos.

Dia 3: Conversas de orientação. Catequese. Distribuição de objetos. Ordem, de modo a impedir uma ida fora do necessário a Utiariti. Todos êles se juntariam — falam — no barracão em comum, para fazer roça. Depois vão a Utiariti. Seimos às 4 horas da tarde. Pouso no córrego do Cemitério. Outro dia pouso no Paredão.

Dia 5. Saída cedo. Chegada em Utiariti no escurecer. Benedito que primeiro queria vir, ficou. Plantou milho para levar a Utiariti, para papai Máximo, cego".

Esta é a narrativa do diário do Pe. João Dornstauder, o documento mais completo que existe sobre os Iranche, no momento histórico em que êstes índios viviam livremente em seu território e em posse de suas tradições tribais.

11 a 14 de setembro Pe. Dornstauder visita Barracão Queimado. Leve Inocência, menino, para Utiariti: "Seu pai, cap. José, mandou avisar para vir buscá-lo. Falou para o padre "cantar" para êle ficar com saúde. Pede algumas cousas".

29 de novembro. Vai o cap. Antônio a Utiariti, dando notícia da morte de sua mulher. Traz José, seu filho de criação (sobrinho) e Atanásio.

11 de dezembro Zacarias que fôra a "Utiariti poucos dias antes do Cap. Antônio, sofre de complicação pulmonar depois de uma recaída de gripe.

15 de dezembro: "Batismo de Zacarias, às 10 horas. Morre às 22 horas. Um pouco antes chorava como criança. Agitado, Colapso pulmonar". De noite fizeram um rumor de revolta simulada, como às vezes faziam os índios Parecí e Nambiquara em Utiariti, ameaçando os padres e as Irmãzinhas da Imaculada Conceição. O iranche mais expressivo era Lino. Punhos cerrados, olhos esbugalhados, ia até a rede do falecido gritando: "O que cê morrê!?"

Pe. Dornstauder anota: "Manifestação de tristeza e dôr dos parentes. Impressionante o "Padre Nosso". Depois veio a tempestade psicológica: o que se acumulou nestes últimos tempos sai a tona. Da parte dos Iranche, ainda muita incompreensão e descontrolo; de nossa parte, item pouco conhecimento e pouco caso da índole do índio; falta de combinações claras e de meios materiais.

"16 de dezembro. 8 horas: entêro de Zacarias, na rede, coberto com um pano vermelho vistoso. Assistem todos os Iranche dos padres e dos protestantes. Várias pessoas, especialmente Parecis.

"No mesmo dia às 12 horas Cap. Antônio com dôr de cabeça. À tarde com 40,5º de febre. Vômitos. Passa mal. Os patricios apreensivos.

"18 de dezembro. Caravana de visita dos Iranche dos protestantes. Satisfeitos com a conversação. Manoel Maria é a alma da resistência. Exigências. Quer espingarda!

"De tardinha, durante a reza, vai Antônio meio carregado aos protestantes. Dei-lhes plena liberdade. Primeiro resolveram ficar. No fim resolveram o contrário. Lidaram com o doente, principalmente a esposa do norte-americano Parente. Nenhum resultado. Resolveu-se o caso com uma injeção de penicilina. Seguiu-se uma fermentação entre os Iranche: imediatismo de idéias, exarcebada afetiva. A base da solução foi sempre: ser bom. Deus!"

1954

De 6 a 12 de março, Pe. Dornstauder leva ao Cravari os Iranche, que, em péso tinham ido a Utiariti para trabalhar. Isaque: caso de levirato. Casa com a mulher do seu irmão mais velho falecido, Pedro, "para lhe fazer filhos".

19 a 23 de abril. Viagem ao Cravari de Pe. Dornstauder e Pe. Edgar Schmidt, atual Superior da Missão, a ver os índios, as terras e as possibilidades. "Lino que levava remédios aos doentes do Barracão dias antes, narra desesperado o imprevisto: Alonso, Cap. José e Tomé tomam remédio e ficam bons. Os outros fogem para as malocas de baixo, provavelmente para a do Cap. Antônio. Nesta maloca, quando o caso se declara grave, os não atacados fortemente abandonam os doentes que eram Isaque, Sabina, Rufino e Carlos. Lino e mais alguns levam remédio aos abandonados. Encontram-nos mortos. Enterram a mulher. Dão com Rufino comido pelos urubús e encontram Isaque e Carlos na rede, podres, com a cabeça decepada — provavelmente pelos "Tikóli".

Os Iranche todos se resolvem a ficar no Barracão Queimado e fazer roça".

Aquí terminam os apontamentos do padre Dornstauder. Encerra o apostolado com os Iranche, passando a outras tribos dos vales dos rios Juruena, Sangue, Arinos e Telles Pires.

Também desta data em diante se pode dar por encerrada a vida tribal nativa e espontânea dos Iranche sem a intervenção de elementos de cultura civilizada branca, brasileira ou norte-americana.

Sem, no entanto, descrever nem mesmo sumariamente tal culturação, não se pode deixar sem referência ligeira tal fato.

A verdade que historicamente se deve ressaltar, é a razão que tiveram os brancos em entrar em contato íntimo com a tribo iranche, procurando a salvação das vidas destes índios. Sem a proteção, precária sem dúvida, mas de valor inegável, historicamente registrada, não mais teríamos a tribo iranche nem estado de culturação nem estado nativo. Três fatores se conjuraram em ação de extermínio da tribo:

A luta interna existente na tribo entre as turmas, nomeadamente entre a maloca de Cap. Acácio contra as outras; as doenças epidêmicas, sendo conhecida bem a gripe coreana; os ataques dos inimigos principalmente dos "Tikóli", que estudaremos na segunda parte deste modesto trabalho.

Os jesuítas favoreceram sempre o reaparecimento dos costumes iranches, procuraram a mitologia, incentivaram com prêmios as representações em que dançavam e tocavam as flautas. Em 1956, os Iranche, em Barracão Queimado, de novo tocaram suas flautas em festa noturna, segundo o costume iranche, noite a fora...

De fato, os índios agora abrem aos poucos, em confidências espontâneas, os segredos da tribo.

Alguns anos, no entanto, precisamos esperar, para obtermos dados completos sobre a vida nativa tribal iranche. Os índios traumatizados, recolheram-se aos refolhos de seu caráter tímido, vendo-se de tal modo inferiorizados, que não sabem nem reconhecer a face dos verdadeiros amigos. Estamos apenas na véspera do dia em que o Iranche venha a dizer no linguajar de Utiariti: "Eu agora sabe. Padre bom. Eu agora tudo contar".

A culturação se processa em dois polos: em Utiariti e em Barracão Queimado.

Em Utiariti, os Iranche aprendem a viver a modo civilizado. Aprendem a ler, escrever e contar. As Iranche aprendem com as Irmãzinhas da Imaculada Conceição. Como complemento da escola, os meninos aprendem a trabalhar a terra e lidar com as plantações e animais úteis. Nem falta o complemento artístico de representações, declamações e jogos. Os rapazes e homens são tratados em sistema mixto de responsabilidade de ofício e aprendizado, com supervisão a modo índio, isto é, usando o método de repetição de ordens, levantamento do trabalho ao aparecerem atrativos índios, merendas entre as refeições principais: enfim o padre capataz representa perfeitamente o papel de chefe de índios, acompanhando no trabalho mas ao mesmo tempo dando a todo o ambiente uma significação que somente a religião pode infundir.

Em Barracão Queimado, os índios imitam o aperfeiçoamento aprendido em Utiariti. Os índios que quase nunca aparecem em Utiariti apreciam imenso as inovações trazidas pelos irmãos de sangue. As roças adquirem desenvolvimento nunca visto. O progresso alivia as dores do passado que faziam o fim da tribo.

Para atender melhor à índole irrequieta do Iranche, como dos outros índios, trabalham por temporadas num sítio de Diamantino — Frei Manoel — temporadas de prêmio, de simples variação de ambiente, de incentivo aos mais novos.

Termino esta primeira parte de documentação cronológica com uma citação de um artigo de jornal, que ilustra os resultados obtidos na aculturação iranche, dirigidas pelos jesuítas.

O fato não envaidece a ninguém, apesar do pouco tempo que se empregou na aculturação dos iranche. Chama atenção para o método verdadeiro, bem próximo do ideal talvez, numa aculturação. O método jesuíta se baseia verdadeiramente num duplo dado real da vida humana: a adaptação psicoló-

gica índia e o catolicismo. O caso em citação é o fruto lídimo destes dois aspectos em conjunção real e una.

"Alí, à beira do rio Verde, estão agora chantadas as estacas das medições de terras... De quem são essas terras? Não existe, porventura, na Constituição Brasileira, um artigo que adjudica expressamente aos silvícolas as terras que vêm sendo tradicionalmente por eles habitadas, que as torna inalienáveis? Quem medirá para os índios as suas terras e lhes apontará as águas e matas que lhes pertencem? Não será precisamente o Serviço de Proteção aos Índios?"

"Lembrando-me do Benedito... Isso é o que esperam saber Pedro Sabino, João "Garimpeiro", tantos outros (brasis), cujos títulos de posse haviam de estar arquivados na memória fraternal do povo brasileiro.

"Em face da usurpação, Alípio, um jovem Iranche, discípulo que foi da escola de Utiariti, reagiu de outra forma. Menos timorato, quiçá mais ingênuo que os pacíficos Aritís, assumiu pessoalmente atitude muito mais enérgica, nas matas do Cravari. Certo dia, faz agora poucos meses, engenheiros paulistas, contratados para uma destas medições alí, seguindo uma picada, leram surpresos, na superfície branca, alisada a facão, de um tronco de árvore centenária: "Não queremos civilizados na gleba dos Iranches!"

"Perplexos, viram surgir do seio da floresta alguns indígenas. Alípio, bugre de um físico imponente, bem armado como se achava, acrescentou: quem escreveu isso fui eu... Diante da atitude decidida dos senhores da floresta, retirou-se a turma dos medidores, rompendo o contrato com o "outro" dono da gleba. O fato sugere bem a existência do problema. Deve existir uma solução justa para ele... Importaria delimitar quanto antes, a exemplo do que existe nos Estados Unidos da América, a cada tribo a sua reserva territorial. Ao menos onde isso já é possível". (18)

Deve existir, concluo eu, uma mudança louvável no modo de agir dos Iranche. Continuam a viver o caráter iranche e adquiriram e adquiriram um hábito superior de vida, complemento e não morte do caráter índio que faz do iranche um brasileiro cômico, como queria Rondon, vulto nacional que, pelo próprio esforço, atingiu as culminâncias do renome internacional.

NOTAS ESPARSAS

Uma consideração mesmo um tanto superficial, do que ficou exposto na primeira parte deste trabalho, mostra que os jesuítas não puderam dedicar-se a um estudo mais apurado da etnologia iranche. O caráter tímido da tribo dificultava os primeiros passos de intimidade; o momento histórico em que se realizaram os primeiros contatos, entravados pelas dificuldades de quase extermínio da tribo; os poucos tempos de lazer etnológico, tomado pela necessidade de socorrer a tribo e prover o necessário para a vida... este ambiente todo anormal, protraiu até poucos meses um estudo etnológico que se define portanto como incipiente.

Como os Iranche, pelo bom tratamento que receberam, se mostram acessíveis, as notas aqui receberão um complemento e possivelmente exaustivo em futuro próximo, quando cientistas de renome poderão, "in loco", observar os Iranche. Por enquanto, alguma informação sucinta e despretenciosa.

Situação dos Iranche

Rondon situou os Iranche no vale do Cravari (Corecê-inazá), donde se derramavam eles pelos vales do Papagaio e Sacre. Informação certa. Perguntando-se, entretanto, sobre a localização das malocas, fica sem resposta a situação nos tempos da Comissão Rondon.

O fato da queima da primeira maloca iranche, encontrada pelos seringueiros, pode lançar alguma luz sobre a questão. Parece de fato que a malo-

ca referida por Rondon (19) estava situada à margem esquerda do rio Cravari. Os Iranche se referem a êste lugar em tempos idos, como sendo um lugar de importância para a tribo. Mas a informação imprecisa não permite uma conclusão certa.

O dado certo que temos é que em 1953 Padre João Dornstauder encontrou tôdas as malocas iranches, sem exceção, à margem direita do rio Cravari.

As tribos que confinam diretamente e com relação imediata com os Iranche são duas: Uma a Leste e outra a Oeste e Norte. Ao Sul, apenas à longa distância, demoram os Parecí, que na opinião de Rondon é o tronco-mãe dos iranche (20).

A tribo do Leste é a chamada pelos Iranche de "Tikóli", identificada como sendo a tribo "Beijo-de-páu". As descrições que fazem os empregados da Linha Telegráfica e os seringueiros, coincidem perfeitamente com a descrição dos Iranche.

Êstes índios habitam o vale do rio do Sangue, aparecendo no tempo da seca (junho) na linha telegráfica, atacando os guardas, desde a Estação de Ponte do Pedra até a de Barão de Capanema, ambas fechadas. Não deixam sinal de pouso nas suas correrias de caça e pesca. Não foram vistos no rio Arinos. Estatura comumente bem alta, levam batoque nos lábios, fazendo-os desmesuradamente disformes. Usam arcos e flechas de tamanho avantajado e principalmente uma borduna. A mesma descrição se encontra na boca dos Iranche.

Há quem identifique os "Beijo-de-páu" com os Caiapó do Norte de Mato Grosso, de índole selvagem.

Os índios do Norte são chamados pelos Iranche de "Maimüakü". São descritos pelos Iranche como índios de pés descomunais e armas igualmente desmedidas. Assinalam em especial que as penas da flecha são muito largas. Com as correrias atuais dos índios "Canoeiro" no rio Juruena, os Iranche não duvidam em identificar tais índios como sendo os seus "Maimüakü". De fato, pela situação geográfica que os "Canoeiro" ocupam, não fica lugar para outros índios.

O Pe. João Dornstauder corre atualmente o território dos Canoeiro em esforço de pacificação, pois luta declaradamente contra os seringueiros. Os seringueiros lhes queimaram roças e fazem demonstração de força para incutir medo.

Ao Sul, distanciados, demoram os Parecí, talvez os índios mais conhecidos do Norte de Mato Grosso na literatura etnológica.

Com relação a êstes índios se impõe antes de mais nada a pergunta: Os Iranche são de fato índios Parecí?

A literatura até hoje escrita o afirma: "Atualmente êles (Parecí) se dividem em quatro grupos sob as denominações de: *Uaimaré, Cazinií, Cozárini e Iranche*". (21).

Citação mais explícita não poderíamos desejar. No entanto, mais adiante, segue Rondon: "Pelas informações dos Cozárini e Uiamaré, sei que falam (os Iranche) o ariti, levemente modificado, constroem casas e usam rédes como os demais Parecí". (22).

É de se notar entretanto que os Iranche não fazem uma massa uniforme com os demais Parecí. A língua, como veremos na terceira parte, se pode classificar como um dialeto bem diversificado do tronco parecí. O modo de vida de caráter iranche se diversifica também do caráter parecí. Os iranche se poderiam definir como um grupo parecí profundamente modificado. Isto se prova assim:

1 — Os parecí dizem que os iranche são parecí, como temos no documento de Rondon e de pessoas que trataram dêste assunto com os parecí.

2 — Os iranche confessam a mesma verdade. Notável é o documento da lenda do aparecimento dos homens, que virá proposto na terceira parte

dêste artigo. Os parecí eram a mesma cousa que os iranche, em tal documento.

3 — A observação comparativa das diversas tribos dão incoercivelmente em um laudo único: a semelhança estreita entre parecí e iranche contra uma dissemelhança profunda entre iranche e outras tribos circun-jacentes: nambiquara, baço-de-páu, canoeiro.

Os itens são os seguintes: índole dúctil, semelhança no aproveitamento do trabalho, língua de caráter mais aproximado. As lendas comparadas dos iranche e parecí, oferecem um dado que se poderia classificar como espetacular, como se verá na terceira parte.

A índole dúctil é reconhecida por todos. A semelhança no aproveitamento do trabalho aparece clara no rápido progresso alcançado com os índios parecí e iranche em oposição flagrante com os nambiquara. Êstes, preferem uma vida semi-cultural, parte passada em rendimento provindo do cultivo da terra e parte passada em correrias de caçada e pesca e visita de amigos.

A língua oferece um pormenor interessante para os estudiosos, pois os iranche trouxeram precisamente o termo "arê", designativo do pronome pessoal da primeira pessoa: "eu". Logo se vê a semelhança de filiação entre o termo "ariti" e a palavra "arê". — Mas esta semelhança nos tira uma outra de semântica necessária para uma identificação científica. O parecí, nu-arusk, vê profundas diferenças entre seu vocabulário e o iranche, como se vê claramente por algumas chaves e se verá claramente na terceira parte. (23).

(port.)	eu	(iranche)	arê	(parecí)	natio
	tu		sein		hiço

Estas diferenças já mostram uma profunda diferença entre as duas línguas.

Também a diversificação de usos e material empregado na confecção de objetos demonstram diferença profunda, como breve veremos, ainda nesta parte do artigo.

Acresce ainda que os iranche se chamam a si mesmos de "münkü" e chamam os parecí de "perolín".

Como historiar a identidade e profunda diversidade entre parecí e iranche, é tarefa talvez impossível.

Creio que se poderia dizer em conclusão, que os iranche são uma facção da tribo parecí, com características próprias.

Fica sempre de pé no entanto a possibilidade de terem sido os iranche uma tribo independente e vencida pelos parecí. Tal hipótese teria dois argumentos:

1 — Os argumentos em favor da identidade seriam baseados na amizade entre os parecí e os iranche, não na identidade de tronco.

2 — A língua, profundamente diversa, indica claramente a existência de duas tribos. Qualquer semelhança seria apenas superficial.

O Físico do Iranche

O índio iranche impressiona esquisitamente pela semelhança com os brancos civilizados, no porte e nas feições. Algumas pessoas julgam até que brancos se meteram na vida iranche em tempos idos, sem deixarem rasto na história documentada.

De qualquer forma o iranche é índio. Estatura mediana, tórax dilatado e ventre proeminente. Pele bronzeada, pintada frequentemente de urucum. Os iranche contam que se pintavam com uma outra substância que dava a cor preta à pele. As mulheres não levam nenhuma proteção de tecido e os homens apenas usam um pano, descrito por Max Schmidt (24).

Os Iranche usam os cabelos cortados atrás. Afirmam que usavam colares no pescoço e uma espécie de calçado. De uso livre são, ao que parece, o enfeite nazal e uma taquarinha no lábio superior, pois os furos para isto necessários não são obrigatórios. Provavelmente farão parte do rito de iniciação da tribo, que os iranche não querem contar.

As mulheres usam uma tipóia para carregar as crianças.

Os homens deixam crescer uns fios ralos que aparecem na face, fazendo um projeto de barba e cavanhaque.

Alimentação

Alimentam-se de plantas cultivadas e de caça, pesca e mel. Quanto ao mel, é de se notar que os índios parací e os seringueiros distinguem uma espécie a que dão o nome de mel iranche.

Nota-se também que os iranche queimam por fora as caixas de marimbondo e depois da fuga destes, derrubam-na e tostando um pouco mais ou então sem mais nenhum trato comem tudo o que encontram. Algumas pessoas sentem o estômago revoltado, vendo tal processo de alimentação, moderado de certo, com respeito a outros processos índios. Com a descoberta do api-serum, seria interessante verificar o valor nutritivo das cascas de marimbondo e de abelhas comidas.

Também, como foi notado na primeira parte, os iranche saem em temporadas de suas malocas, em excursão de caça e pesca por vários dias. Ensinaram-me que sempre se bebe o mel misturado com água e para matar a sede se toma um pouco de mel levemente azedado com água.

Aldeia

A aldeia iranche se localiza a um canto de uma roça, onde vivem, mantem o um adro limpo, largo na parte da roça e estreito na parte que dá para o mato. As roças se abeiram dos cursos d'água sem chegar com o terreno limpo até a água. As casas ficam situadas cerca de 50 metros da água, em lugar seco, sem proteção de cercas. Elas se agrupam perto umas das outras a distância variável de 5 a 10 metros. As faces de cada casa aparentam formas variadas por causa da cobertura e proteção de folhas. O teto em forma de diedro ou de polígono, desce até metro e meio do chão ou mais baixo, assentando-se em traves, que formam o ponto mais alto da parede feita de varas de madeira espetada no chão e cobertas com folhas de sapé ou coqueiros.

Uma pequena entrada baixa e estreita recebe sol direto.

Para as viagens, os iranche formam um abrigo precário com dois ramos de folhagem. Quando se demoram alguns dias numa região constroem rapidamente um abrigo em forma de diedro, aproveitando-se frequentemente dos arbustos ou árvores como esteio para as redes.

Na aldeia, aproveitam os espaços existentes entre os caibros e a folhagem para guardarem os pequenos objetos. Nas folhagens espetam as flechas. No chão, acompanhando os páus da parede, se depositam as cabaças, onde guardam a água e o mel, assim como as penas de pássaros, a cera e pequenos pertences.

O fogo, quase sempre aceso e sempre diminuto ocupa os vãos entre as redes.

Descanso

Foi notada a presença de maca para dormir, cousa inesperada. Primitiva, feita de paus roliços, cobertos de capim. Mas só os jovens é que foram vistos em tal cama.

A rede é o instrumento que usam para o descanso. Nunca entretanto dormem no chão.

As redes são feitas de fios de algodão ou tucum, atravessados por uma cordinha de idêntico material. Fiam a fibra num fuso primitivo. Dobram um fio comprido várias vezes, tendo dois pontos de apoio. Os segmentos dobrados vão-se colocando um ao lado do outro, em comprimentos diferentes, fazendo maior ou menor curva. Esta diversidade de comprimento é que dá a forma côncava da rede.

Variando então de 12 a 15 cm de distância umas das outras, fazem umas cordinhas feitas do mesmo material que os fios longitudinais. A armação da rede é feita assim: tomam três fios e deixando pender para fora da rede em tamanho variado, como enfeite, fazem um nó no primeiro fio longitudinal, que é um dos mais curtos. Torcendo então os três fios, como se fizessem uma cordinha, fazem entrar na torcedura os fios longitudinais. Os fios longitudinais distam assim um do outro 5 mm. Ao prender o último fio longitudinal, dão outro nó e deixam um rabicho de três pernas para fora da rede, como fizeram antes do primeiro nó.

As redes são curtas, mal dando lugar para a cabeça e os pés entre os punhos. Tais apertos se refletem no costume proverbial que têm os iranche de caberem em grande número em pequenos alojamentos. Estendem as redes umas por cima das outras e até já se viu um menino dependurar a rede, juntando os dois punhos num mesmo apoio!

Fogo

O fogo se produz pela fricção de um pauzinho na cavidade de outro páu em posição perpendicular. A fricção se faz por rotação. A varinha apertada entre as palmas da mão gira e comprime a madeira deitada. O método já foi abandonado com a chegada do fósforo. O processo dos pauzinhos é muito lento. Com dia úmido pode durar até mesmo hora a produção do fogo.

Sepultura

A sepultura se faz dentro da casa ou maloca, pouco depois da morte. Junto com o cadáver, enterram os pertences que o falecido tinha em vida. A sepultura é um lugar como qualquer outro, por onde se anda, se pisa, sem nenhum distintivo especial.

Armas

Usam o arco e flechas e também o veneno.

O arco, menor do que os arcos dos índios circunjacentes, tem característica própria, ainda que se classifique entre os arcos simples e primitivos.

A face interna da curva é chata e estreita. A face exterior, de angulação curvilínea estreita, dá uma forma proeminente à madeira. A vantagem de tal forma do arco com ser pequeno e madeira estreita e proeminente é lançar a flecha sem forte desvio. Sabe-se que a força do impulso da corda se aplica na direção do centro da madeira e a força de impulso da flecha por sua vez se aplica em direção diferente: para fora da madeira. No lançamento da flecha se produz uma composição de forças com conseqüente desvio da flecha, porque o impulso se aplica na cabeça da flecha e na vara ao mesmo tempo: na cabeça da flecha se aplica a força dirigida para o centro da madeira e na vara se aplica a força dirigida para fora da madeira. A flecha raspa fortemente na madeira, mudando de direção.

No lançamento da flecha dos iranche o desvio é mínimo e permite maior certeza no alvo. De fato isto acontece pois têm os iranche fama de serem muito bons flecheiros.

O arco nambiquara é precisamente o arco de tipo inverso: madeira larga e não proeminente.

O arco, sendo menor, permite mais fácil manuseio, ainda que perca em força de arremêço. A madeira preferida é a piuva ou ipê.

A corda do arco é feita de tucum.

As flechas são consequentemente menores que as flechas das tribos vizinhas. Os iranches escolhem de preferência taquara fina.

Como os taquarais não são grandes e por causa dos ataques dos inimigos se viram privados de taquaras, mostraram-se sempre parcos em presentear os civilizados com flechas.

Três foram os tipos de flecha encontrados: ponteagudo, rombudo e afinado, com respeito às pontas.

O tipo ponteagudo termina em madeira afinada, inserida na taquara do corpo da flecha. Serve para pesca e caça miuda.

O tipo rombudo termina em madeira achatada ou rizoma de taquara, inserida igualmente na taquara do corpo da flecha. É para pássaros.

O tipo afinado é feito de taquara grossa cortada e afinada na ponta. A inserção desta taquara é feita por meio de uma vana de madeira. A vara presa no miolo da taquara afinada por compressão e amarrada com fios de algodão. Vê ainda um banho de cêra de abelha. Esta vara vai inserida na taquara do corpo da flecha. Como os outros tipos, esta inserção também fica solidificada com apêto de fios e cêra. A taquara do corpo da flecha não leva enfeites como as da flecha nambiquara. Raspada apenas e retificada ao calor do fogo.

As penas grandes ondeadas em forma de hélice dão à flecha no ar leve movimento giratório. São preferencialmente de jacutinga.

Interessante é notar que a fixação das penas na taquara não se faz por volta da taquara, mas por dentro. Os fios de algodão encerados passam por buracos de um a outro lado, prendendo as metades de pena. Assim, quando a flecha raspa no arco, ao ser lançada, não vê prejudicada a travacão das penas, pois a respagem não tinge os fios. Um tufo de peninhas de tucano é um enfeite iranche.

No conjunto a flecha nambiquara é mais bela pelos enfeites e as penas de gavião, dão um ar agressivo, quase diria mais índio.

As penas da flecha iranche são de cores mais variadas e alegres.

Em Barracão Queimado, em Dezembro de 1955, presenciei a confecção do veneno iranche. Meu guia, Manoel Maria Tupiã, o "rezador" das malocas de baixo, acedeu a meu pedido de fazer a "idíã", si lhe levasse eu o material em condições. Recorri então a meus antigos alunos de Utiariti, dos dois anos anteriores. Mostraram-se surpreendentemente solícitos, apesar de terem sofrido comigo nos primeiros tratamentos de aculturação: Lino e André.

A trepadeira, não me foi impossível identificar, se fazia representar escassamente. As raízes, cortadas e esfoladas, deram-me uma casca de côr amarelada, logo separada e esmagada.

No dia seguinte, de tarde, Manoel Maria fez uma tintura, solvendo a casca em água fria. No fim da operação meteu dentro a mão e retirou a casca restante no líquido de côr alaranjada e puxando bem para o amarelho, acrescentou água até encher a lata.

A proporção se estabeleceu por uma parte, em volume, de casca por duos de água. A solução descansou uns minutos, bem encoberta e foi submetida a fervura. Tupiã destampou a lata quando começou a fervura e deixou evaporar livremente.

No fundo sobrou uma massa gelatinosa. José, filho de Manoel Maria disse que a massa passara do ponto, densa demais. Manoel Maria disse que servia. Encontra-se ela no Colégio Anchieta, de Nova Friburgo, Estado do Rio.

As terras com exceção de algumas manchas não é fértil. Encontram-se no entanto as plantações de milho, feijão fava, porongo, mandioca (2 qualidades semente), algodão, tuberosas não identificadas. O milho parece exigir terra menos forte, se comparado com o milho dos civilizados.

Fazem derrubadas com machado de pedra, talhando o tronco à altura do peito. Evidentemente este machado foi substituído pelo de aço.

A mandioca se planta por pedaços de rama relativamente grandes. Fazem um monção redondo de terra e espetam até 5 pedaços de rama, obliquamente. Desta forma a raiz de mandioca não se desenvolve muito ao comprido mas engrossa. Para a colheita é fácil o processo, pois as raízes se encontram à flor da terra.

Com a mandioca fazem o bijú e a chicha: o bijú com a massa e a chicha com água da mandioca. Usam atualmente latas para ferverem a água de mandioca. Não há informação de como faziam antes de possuírem latas. Na fervura deitam milho torrado e socado.

O milho, chamado comumente — milho fôfo — rende na espiga o mesmo tanto ou menos ainda que o milho dos civilizados, apesar de ser a espiga consideravelmente mais desenvolvida. Os grãos no entanto, falhos, reduzem o rendimento. O milho é mole e se come tostado e cru.

Recreação

Para recreação usam a bola, feita de mangaba. O jogo consiste no lançamento da bola entre dois grupos, procurando cada qual lançar a bola mais longe do que o outro. Se a bola cai no solo contam ponto e recomeçam o jogo. A contagem dos pontos não se faz por números exatos — a numeração iranche é bem primitiva e pobre — faz-se por mais ou menos. A contestação dos que perdem se faz sentir e só admitem a derrota quando esta se define por uma inferioridade clamorosa.

Usam também a flauta de Pã. 5 são os tubos de taquara da grossura aproximada de 2 cm. Eles vão presos em fios de algodão besuntado de urucum ou por embiras. Frequentemente untam os tubos por fora com o urucum. Cada flauta nova é aferida escrupulosamente pelas já existentes.

Também usam uma flauta mais grossa de cêra de 40 cm na qual tocam uma música de notas fixas em trêmulo: passam os dedos rapidamente pelos orifícios enquanto assopram. A composição leva um tom de agressividade impressionante.

Notável é o sistema empregado no toque das flautas de Pã, no que se refere ao acompanhamento. Enquanto as primeiras flautas seguem uma melodia, as segundas seguem atrás repetindo a melodia em contra-ponto e em alturas variáveis.

Depois de tocarem uma melodia determinada, descansam, tomam chicha para em seguida tocarem outra melodia determinada, marcada já pelo costume.

Os iranche, por desleixados que pareçam em diversas atividades, cuidam extremamente dos toques de flauta. Os velhos corrigem fortemente os jovens, quando estes erram na melodia.

Jararaca

No Norte de Mato Grosso chamam-se comumente de "jararaca" as flautas e instrumentos, que segundo a superstição índia, as mulheres não podem ver.

Também os iranche usam flautas grossas e compridas dentro da mesma concepção supersticiosa. Afirmam que as mulheres que botam os olhos nas

"jararacas" morrem. Isto falam para as crianças e para os estranhos. Entre os homens da tribo, no entanto, a verdade se diz de modo diferente: Se as mulheres chegam a ver, morrem às mãos dos homens.

Não se tem notícias de fazerem os iranche as pantomimas que os índios nambiquara praticam, simulando lutas contra os espíritos.

O culto da "jararaca" é inegável. Chegaram mesmo a matar tal número de mulheres, como se informa, que agora se encontram em falta delas. As informações vieram da tribo iranche mesma. O homem mais responsabilizado por tais faxinas é Manoel Maria, o rezador da tribo.

A flauta "jararaca" é composta de dois tubos emendados e presos por cera de abelha. No primeiro se encontra uma abertura estreita na parte superior, entre a curva interna da taquara e a cera que entope o resto do tubo. Mais em baixo outra abertura permite o som tomar corpo.

No segundo tubo se encontram os buracos, em número de quatro, para a produção das diversas notas. — Um complemento da flauta "jararaca" é um porongo, em baixo da flauta.

Tal flauta sempre se encontra ornada com fios vistosos, desde que os iranche conseguem fios coloridos. Preferem o vermelho. Na tribo isolada, o urucum é sempre o ingrediente de cor. Traços pretos desenhados sobre a superfície vermelha, cruzam em todas as direções. Preferem as linhas retas.

Os temas aproveitados para estas flautas levam sempre um característico soturno e melancólico que me pareceram muito próximo do adágio.

Cultura não Material

Com exceção da língua, os dados obtidos no que se refere à cultura não material apenas merecem ser agrupados sob um único título pelos poucos elementos anotados.

A educação tribal forma o iranche numa formação sem unidade quanto ao espírito de corpo "nacional", se assim o poderíamos exprimir.

A luta entre os grupos ensina ao iranche uma dualidade e multiplicidade dentro da mesma tribo e aprende a lição da desunião e luta fratricida. Cada grupo tem uma pronúncia diferente nas palavras.

Os iranche na educação tribal parecem ganhar em expoentes individuais. Alguns índios parecem mais identificados com a natureza e de senso de composição mais desenvolvido. Não saem da educação iranche índios calculistas como os Nambiquara e Parecí. Os Iranche são mais recatados.

Este traço de recato aparece surpreendentemente no desejo de se vestirem, na cortezia. Parecem inteiramente destituídos da psicologia reflexiva que age por uma idéia pre-concebida. Agem na hora, sob o impulso do momento, sob a apreensão tida na hora. Este traço característico observado no comportamento comparativo entre iranche e tribos parecí e nambiquara, não suprime de modo nenhum a ação premeditada.

O desejo de se vestirem, como já foi citado, é um traço surpreendente que colhe em admiração todos os observadores. Sentem verdadeira vergonha e se coram com a nudez. Parece talvez uma novidade em etnologia índia, mas é inegável. Os observadores todos estão concordes.

Outra característica observada e já anotada, é o desejo de trabalhar. O iranche é de caráter, diríamos, correto. Gosta da perfeição no pormenor, aprecia a observação e os engenhos de construção.

A obediência do iranche não se identifica com a do nambiquara. O iranche quer saber os motivos, quer saber porque e se apoiar na autoridade. Não se empenham de corpo e alma com responsabilidade própria desenvolvida. Dão conta espontaneamente do que fazem. Neste ponto copiam fielmente o caráter parecí. Procedem com perfeição próxima dos civilizados.

Na formação da família, os raros casos observados mostram pouca influência dos chefes. Os tempos de calamidade em que foram observados não

permitem chegar a uma conclusão definitiva, ainda que parecem ter leis tribais determinantes dos pares. O caso de levirato anotado na primeira parte em que Isaque se casou com a mulher do seu irmão, é um dado precioso.

Notável é o gênio incontrolado do iranche com relação a mulheres, observado obviamente. Tal comportamento vai sublinhado pelo fato de terem as mulheres grande ascendente na tribo, como se vê pelas consultas e decisões. Até hoje não se sabe o processo que usam os homens para coibir um tanto este ascendente. Parece mesmo que as mulheres decidem tanto quanto os homens. Certo é que levam menos trabalhos pesados do que as mulheres de outras tribos. Isto confirma o que nos parece verdadeiro, que o iranche se forma num ambiente de culto à pessoa humana sem o cúmulo de superstição e tirania observado em outras tribos.

Notou-se também entre os iranche um forte sentido de curiosidade. Parece que nunca se contentam com o que sabem e vivem a indagar. Tal fato parece incrementar o espírito individualista. Por motivos particulares se vêem iranche discordar facilmente de idéias comuns e se libertar de incumbências que os outros iranche aceitam. É difícil agir com os iranche em movimento de conjunto, assim como com os parecí.

Interessante também é o culto da flecha. Gastam horas perdidas na confecção de flechas, que revistam vezes sem conta, emprestando-lhe um carinho todo especial. Metem-se em caçadas pensas só para obterem o material desejado. Não abandonam a flecha, mesmo depois de obterem armas de fogo, ainda que não a usem em caçadas.

Quanto à religião e à moral, os documentos que temos são os transcritos na primeira parte. Infelizmente, não foi ainda possível obter informação a respeito da mentalidade iranche no culto da "jararaca". Nem sabemos exatamente o que pensam dos mortos. Não foi encontrado nenhum rito sacrificial. A apreensão de alguma coisa estranha que influencia na tribo é o único dado colhido. Parece que identificam esta coisa estranha com uma pessoa, capaz de agir em condições humanas: um ser, se não supra-humano, ao menos antropomórfico. Este dado porém não goza de certeza absoluta. É uma conclusão deduzida do comportamento iranche frente a um Ser ensinado pelo missionário. Entretanto, a ilação não vai destituída de todo valor, visto que é uma conclusão do comportamento iranche, de sua resposta tribal. O "Jesus" dos primeiros iranche-catecúmenos não era o Jesus ensinado pelo missionário, era uma produção iranche bem característica: um homem poderoso dono até do avião.

Neste particular interessante foi uma conversa que tivemos com Manoel Maria. Manoel Maria contava as ferocidades dos "Tikóli", quando se saiu com esta narração contada mais em gesto do que em palavra: "Jesusí, Cuiabá avião Tikóli chegar. Tikóli avião flecha atirar. Jesusí voar, voar, jogar, jogar, Tikóli fugir. Jesusí Cuiabá embora, medo nada. Tikóli medo muito, morrer".

LÍNGUA

Antes de desenvolver esta terceira parte, pareceu-nos interessante relatar a dificuldade de extração de dados linguísticos. Apesar de datar do longínquo 1909, o primeiro contato pacífico com os iranche, por parte dos empregados da linha telegráfica, ainda em 1949 os mesmos funcionários, desanimados afiguravam fracasso irremediável aos padres que tentavam aprender algo daqueles primitivos incorrigíveis. Assim escrevia o Pe. Bannwarth em setembro de 1949:

"Dos Iranches é sumamente difícil arrancar uma palavra, porque só sabem repetir alguma cousas de palavras que se lhes dirigem em português. Por exemplo, mostra-se-lhes uma pedra, dizendo-lhes: "Como se chama isto?" Ele repete: "Comochamisso". "Isto é uma pedra, você como chama?" — "Isso é pedra como chama". — "Oh! Senhor!... como chama!" — "Osenô cochama!"

— E assim por diante. Assim mesmo alguma coisa já apanhamos; mas que bom exercício de paciência”.

O método usado e que deu mais resultado, foi o que eu chamaria de método de “macaco”, uma vez que o mesmo era o usado pelos iranche para esconder os segredos da língua. Imitando os gestos, palavras colhidas no ar, melhor os sons, rindo a valer de tudo quanto é coisa e principalmente elogiando. E nesta vida sempre existe algum fator de eficiência que não podemos determinar com método puramente experimental... e sempre conseguimos o resultado aqui exarado.

Letras

- | | |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| A — Som natural, como em português. | L — Som natural. Cfr. nota da letra d. |
| Ā — Som nasal. Para o som nasal, sempre usamos o til, pela razão indicada nas letras m e n. | M — Som nasal e não sempre anasalante. Preferimos assinalar com til a vogal afetada pelo som nasal exceto o E e σ I, que grafaremos, Ê (è), Î (i) e Û. Também se usa o m antes de qualquer consoante. |
| A — Som destacado, separado da palavra, em forte hiato. | N — Som nasal e não sempre anasalante. Cfr. nota da letra m. |
| B — Som natural como em português. | O — Som natural fechado. |
| B — Som intermédio entre b, m, p. Som de difícil reprodução em lábios civilizados. | Ö — Som nasal. |
| C — Som de “c espanhol”. | Ö — Som próximo do oe ou ö alemão”. |
| D — Som natural. Variam no uso do d puramente dental e do d chiado. Também variam o valor da pronúncia, mudando-a para l e t. | P — Som natural. Cfr. a nota da letra b. |
| E — Som natural, sempre fechadado. Exceção única na palavra <i>mérumã</i> (pronto). | R — Som natural, sempre brando. |
| È — som nasal. | S — Som natural, sempre forte, duro. |
| G — Som gutural, sempre duro. | T — Som natural. |
| H — Aspiração. | Th — Som aproximado do “th inglês”, puxando para o t. |
| Nh — Como o nh português. | U — Som natural. |
| I — Som natural. | Û — Som nasal. |
| Î — Som nasal. | Û — Som produzido com lábios em u e língua pronunciando- i. |
| Ī — Som de “i francês”, da palavra “Chagrin”. | V — Som natural. |
| J — Som natural. De uso raro, se usa por eufonia nos chiados. | X — Som natural chiado. |
| K — Som natural. | Y — Som produzido com lábios em i e tentando pronunciar u. |

As pronúncias em forte hiato, se anotam com um ponto, como foi notado na letra. A

Características linguísticas

Além da simples dicção de letras isoladas, o ditongo e tritongo frequente, é uma nota evidente de diferenciação da língua parecí, que prima pelo hiato. (25).

A segunda característica é a nasalização generalizada.

A terceira característica é a identidade de forma dos substantivos que indicam ação e o infinito dos verbos, como até hoje se pôde notar.

Vocabulário

- | | |
|-------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------|
| a.a — páu, madeira, vara. | beuasini — é bom. |
| sambê — tronco. | bixi — coração, buraco (também: bihi). |
| ah — partícula suave que aparece às vèzes antes da palavra. | bübü — nós. |
| ahh — sim. Som provocado por violenta sucção do ar para dentro da bôca. | baïnhohú — estar cansado, ficar cansado. |
| ahí — ver, espisar. | balanaci — amarelo. |
| aiuaiú — árvore. | balümbá — carrapatinho. |
| ainá — irmão mais velho. | banici — carrapato. |
| a.iaha — arco-íris. | banöbanibá — tossir. |
| aiahi — achar. | boiassohú — acordar. |
| akál — ai! | bokulohú — sair. |
| akebú — não existe. | eivüá — vermelho. |
| akeptohú — faltar. | ekije — pai de mel. |
| akirente — língua. | ekipu — mulher. |
| akolí — tucano. | e.pá — nascer. |
| alékü — morrer. | epama — onde. |
| alohú — sonhar. | epäkekü — donde. |
| alokalipi — ficar. | hiú — vento. |
| alo.ú — pedra. | iadii — catar piolho. |
| amanahê — fruta de veado. | inikihí — ouvido. |
| ameniaurí — lagarta, uma das que queimam a pele. | iakokalá — calango. |
| amohú — fruto. | iakulí — lábio, flauta de Pá. |
| anaptohú — surdo (composto de ana: ouvir; pu: não; tohú: ir). | ialapali — brigar. |
| anakipú — surdo (composto de aná: ouvir; akepú: não). | ialübá — mentir. |
| äká — comer. | ialübaci — mentira. |
| aní — êle, ele | iamaci — pequeno, veado. |
| apaxaná — ali. | iamaná — dar. |
| apaná — aqui. | iamapú — grande. |
| arê — eu. | iätali — caminho (neologismo). |
| areiã — meu pai. | iamatohú — diminuir. |
| areü — meu. | ianá — ouvir. |
| ataká — mostrar. | ianäkú — entrar (saudação: ianäkiní. Quem entra responde: atxoraani). |
| atsí — marimbondo. | ianäkeitá — algodão. |
| atxoraani — entro (resposta à saudação de quem chama de dentro). | iakibá — face. |
| atxü — interjeição de desaprovção, ridicularização. | iakikiú — casa de buriti. |
| auá — levar, carregar, roubar. | iatehê — cavanhaque. |
| auasí — roubar. | iaualí — esquerdo, máu. |
| auatasini — grito de comêço do pega-pega. | iauohú — adoecer. |
| auloleü — sangrar. | iauli — máu, que não serve. |
| autí — mutum. | idamaitakehê — meio dia. |
| balüü — manso. | idia — veneno de flecha. |
| beualá — agradecer (composto de: behü: bom; ualá: dizer). | idini — uma espécie das cobras. |
| | iehl — doer. |
| | ieiohú — alegrar-se. |
| | ieüvüá — vermelho. |
| | iepú — quatro. |
| | iepte.é — tudo, muito, mais que 5, cinco. |

ieripkalojú — tornar-se amargo, im-
prestável.
ieripú — amargo.
ietebá — cabaca.
ikama? — por que? (resposta: oli-
papa; porque).
ikamani — como?
ikecí — faveira.
iki — peito da mulher.
ikiá — doce.
ikuxí — unha de pássaro.
ilerohú — fazer calor.
ilecí — calor.
ilehê — quente, sol.
ilehú — ferida.
lbalihú — rir.
i.nhá — caminho.
i.hi — beber.
ini — casa.
i.nipá — defluxo.
itxi.í — fumaça, nevoa.
ionixü).
iögeganá — ontem.
ioní — outro.
ioniehê — outra vez.
iötapú — diferente.
iopá — alto.
iopáipahá — sobre, acima, no alto.
iökaná — certo.
ipki.ü — desonestidade.
ipkepú — castidade.
itá — vergonha.
itelohú — ficar com vergonha.
itamalô — levantar-se.
itakecí — piuva (ipê).
itetí — queixo.
ití — pássaro, formiga.
itukú — deitar-se.
iudá — casca de piqui, guizo fei-
to desta casca, ira.
iuiohú — secar.
iukaioli — desistir, mudar de de-
cisão.
iulá — farpa de flecha, espinho.
iulapá — menino.
iunali — onça.
iuraci — cascavel.
ixí — chicha de mel.
ixirá — relampago.
ixí — fumaça, nevoa, cousa esbran-
quiçada.
jentatá — lutar corpo a corpo.
jii — gemer.
gutakecí — olho (também: gutake-
hê).
kabutací — ponta de flecha.

kadeleirá — coxo, entrevado (kade:
andar; leirá: não).
kadelí — sucuri.
kade.ü — andar.
kaianákú — entrar (cfr. ianankú).
káiigei — trave mestra.
kãitakú — chamar.
kãitekalepá — quebrar o bico.
kakapulí — pena de tucano.
kalápüü — beliscar.
kale.ê — abrir (também: kalü.ü).
kakeí — flecha (também: kakeü).
kalenëixí — verde (em estudo).
kalekikiá — aberto.
kaliú — réde.
kalo — urucum, boma.
kalküü — arrastar.
kamihí — nariz.
kamokirá — podre.
kanãka — depressa.
kãkã — morder.
kaneí — ter (em estudo).
karapulí — respeitar, obedecer (obe-
decer, por si é neologismo).
karapulíü — preguiça.
kare.ü — caçar (também karohú).
katata — arara amarela.
katavá — urutáu.
kau.ê! — Ora essa!
kemã — bugio.
këtapú — só.
këtanuê — um.
këü — querer.
kiaimihí — nariz.
kini — terminação de imperativo.
kití — preto.
kitohú — escurecer.
kiulupalí — feio.
komãteirú — feijão.
kotú — presado.
koupá — criança de peito.
kõkana — irmã.
kücüü — gosto.
kõtumbá — casar-se.
kukuhí — gavião.
kulapaksi — lado.
kulapaipakü — lado de cá.
kulupalí — feio, vergonhoso (sen-
tido translativo: demônio).
kulapöpá — abraçar.
kumakakú — levantar-se.
kú.há — amarrar.
kunixixí — dedo minguinho.
kurakí — jatobá.
kuralí — amigo.

kuratiãmüci — pão de milho (neo-
logismo).
kurateú — milho.
kuritakehê — amendoim.
kükamã? — porque? (resposta:
olipapa-porque).
kümê? — Como? Que?
künekü — juntos.
küüpá — coceira.
laleü — brincar, jogar.
leirá — negação absoluta: não
(também: teirá).
mã.ã — estrume.
mahá — claridade.
maiamã — porco do mato.
ma.i — grande.
maiamê — grosso.
mã.i — mandioca, massa.
Maimüakü — Inimigos do Norte
(Tapanhunã? Canoeiros?) —
homens grandes: ma.i: grande;
mi.á: homem.
maici — resto.
mal.hiauaci — dedo grande do pé.
mai.nhá — pai mainikipü — não
é pai.
mäikepü — pé.
mäikiací — canela.
mäitalohú — joelho.
mäitxi — peito do pé.
mäitakü — perder.
maiohú — crescer.
mäikianã — chicha de mandioca.
malãitá — bonito.
malatolübá — triste.
malatolohú — ficar triste.
malëkici — cupim.
maletülü — sujo.
mãm. tí — gordura.
manã — água, matar.
manãinú — trabalhar.
manekanã — em todo o lugar.
manehú — tersol.
mãnketa — céu (também: mãketa
— neologismo).
mapiu — peito.
mapuchí — barba.
mapulí — pena de gavião.
makexi — cotia.
marohú — aclarar do dia.
marõkehü — amanhã.
marumã — amanhã.
masakã — bacaiuveira.
mata — chupar.
matehide — cabelo.
matí — frio.
matinipá — ventosidade.

matixaná — cheio.
matkipü — careca (matehide; ca-
belo: pü: não) Cfr. pu.
matsí — sabeça.
mehü — bom, certo.
mehümmehin — está bom, está cer-
to.
mekinpahá — na frente.
mërumã — pronto.
mekinpahá — na frente.
mëroni — acabar.
meropümmihü — limpar.
mesohú — melhorar, sentir-se bem,
acabar.
mi.ã — homem.
miamipü — ancião.
miatapa — peixe.
mihí — buraco.
mi.hin — sangue.
mi.iãmpa — nome (em estudo).
mimã — braço.
mimãci — mão.
mimãkepsi — jôgo do cotovelo.
mimãtoluxí — cotovelo.
mimëketã — pele.
mimibauakepsi — jôgo do pulso es-
querdo.
mipi — pium.
migsöhü — tornar-se grávida.
minünkü — σ que manda, chefe.
mipi — fio.
mipto — adulto.
mitã — ovo.
miuci — cheiruro.
mochehü — lavar, limpar.
moxí — caitetú.
mõci — genitais masculinos.
mõ.i — comprido.
moiamehê — abóbora.
moianã — também.
moitã — céu (sentido físico natural).
mõpê — reça.
mõkecí — pescoço.
mõke.i — nuca.
mokirú — mole.
mõgnã — avô.
mõlinã — avô.
mõt.lí — novo.
mukanã — mesma cousa, igual.
muhú — chuva.
mulí — páu do cerrado que dá tinta
preta.
mühemnehin — estar bem, estar
certo (cfr. mahümmehin).
mühü — dente.
münci — umbigo.

münklori — antigamente, faz tempo.
 münktohú — escurecer.
 münkto mú — de noite.
 münktü — durante a noite, noite.
 münini — mandar.
 münkü — gente.
 münkí.ú — rama de mandioca.
 müpü — cabaça da flauta iefá.
 nadeptohú — velho, ficar velho.
 nainamahá — depois.
 naigatú — rótula.
 naigegená — agora, hoje.
 nakatá — branco.
 nakehú — escroto.
 nakenali — jogar fora.
 namā.iulapá — menina (também namākiulapá).
 namānohú — estar com fome, ficar com fome.
 namú.ü — mulher.
 nāmksí — jôgo do joelho.
 nhamātsiin — afiar, afinar.
 nikaūgená — amar (também: nikū-kehú).
 numá — dois.
 nūmpakihú — vísceras.
 nūnkaná — o mesmo.
 oapá — esperar.
 oehí — sair, deixar.
 ohití — doce (sentido translato de chupar: oití).
 o.í — fundo.
 oialalá — uma espécie das cobras.
 oīdukú — sentar-se.
 oiná — bráza (em estudo).
 oirabú — lua.
 oití — chupar, engulir.
 olapalakehú — justa-conta (árvore).
 o.ná — filho.
 onkukú — torto.
 opá — acima, em cima, alto.
 opahiātali — avião (neologismo: opa: alto; hiātali: caminhão).
 opakékü — o de cima.
 opürü — anta.
 otalohú — tirar mel.
 o.ú — plantar, furar, fazer buraco.
 otapá — nú.
 painhohú — cansado.
 painhoneptani — não estou cansado.
 pakahá — barra de um rio.
 pakalepá — tomar banho.
 palakiu — correr.
 palalukú — estragar-se, rasgar, apodrecer.
 palí — bicho de pé.

pālā — castigar.
 palocí — alma (neologismo).
 pamā — pegar, segurar
 pani — pedir
 papsí — abelha bujuí
 papuí — réde iranche (a dos civi-
 zados: kalití)
 pase.ê — cantar, dançar
 patá — terra
 patè — patricio, do mesmo grupo
 patekipú — três
 patekití — cinza
 pākolo hú — nadar, atravessar na-
 dando
 pemā — testa
 piábá — estrêla
 pi.hauali — veneno
 pi.lí — remédio
 pīreririki — azul (também: pīre-
 kika)
 piulali — adstringente, que aperta
 no gōsto
 pokolei — castigar, encolerizar-se
 po.í — mato
 poi hū — brotar
 poikatí — cabeceira (mato)
 poiti — contar
 poitpá — conversar, falar, contar
 puhinā — irmão mais novo
 puitá — fôrça
 puitalohú — apertar, comprimir
 pyuy — faca
 sabukú — voar
 sakálu — páu de fazer fogo, fósforo
 sauá — carregar, roubar
 sauáxahú — trazer
 sauaxatohú — buscar (composto:
 sauá; xá: vir; tohú: ir)
 sei — você
 seü — tirar (também: se.ü)
 sipokú — morar, demorar-se
 sirupá — uma espécie das cobras
 siki hū — areia
 sikiú — descer, cair
 tabükecí — genitais femininos
 Taka.á — Deus (neologismo)
 takahá — saber
 takalohú — pensar
 takarohú — sair
 takapsohú — esquecer-se
 takapto hū — cego (takahá: saber;
 pu: não (negação de parte); to-
 hū: or)
 takasohú — lembrar-se.
 taimini — faz boa temperatura, faz
 bom tempo.
 talilí — trovão

talopani — eu quero (taleirá — não
 querer)
 tamalohú — esticar
 tamnamahá — depois
 tamotá — feijão grande
 tâkipú — não querer
 taná — viver
 tanasohú — ir viver
 take.ê — piquí
 takimāleirá — mulher não casada
 tata — atirar, soltar
 tatalohú — ir soltando
 te.hi — assar
 tehú — mel, tirar mel
 tepá — furar
 tepí — fechar
 ti.hi — defecar
 rikakú — quebrar
 Tikóli — inimigo — em especial os
 Beijo-de-Pau
 tikipsí — rabo
 tikipú — cauda das aves
 tipukú — apagar, cegueira
 tímā — longe
 tohú — ir
 toxaahú — passear, ir e voltar de
 viagem
 toxitá — chamar
 tulaná — cheirar
 tumāci — curto
 tumaní — pica-páu
 tutata — cuspir
 thuthu — assoprar
 tūmbaleü — taspassar
 tüüpá — balançar-se
 uaituhú — amontoar
 uaiuhú — febre
 ualá — falar, dizer
 ualaleirá — mudo
 ualosa — perguntar
 uādekapá — repartir, dividir, dis-
 tribuir

uatalí — mosca
 uatapá — pomba
 uaxiko — fruta de lobo
 udá — ira, vingança
 udatohú — enraivecêr-se
 uhaphtohú — não irar-se, perdoar
 uiti — chupar
 ulakú — correr sangue, sangrar
 ulapá — menino, criança
 ulapaipakú — lado de lá
 ulehú — ferida, chaga
 uleví — raio
 ulipá — bater
 umalei — deixar, permitir
 unā — batata
 una.á — cará
 unamanokú — estar com fome
 uoidukú — sentar-se
 uoirikulahú — sentar-se e olhar
 ülipú — sacudir
 üntamá — casar-se, esposos
 vakalá — garça
 vatuoli — todos
 xahú — vir, voltar
 xākú — arrebentar
 xarekutohú — passear
 xatokohú — chegar
 xauvá — encontrar, carregar
 xè — você
 xè.ü — seu, de você
 xèkaneì — seu
 zetohú — levantar
 xiki.ü — tamandúá
 ximakú — aparecer
 ximapteü — fechar
 ximihú — medo
 xini — azêdo
 xiniouhú — azedar
 xipexí — cipó urubamba
 xixehú — suar
 xuná — cocar de penas
 xükú — mergulhar

RELAÇÃO DE NOMES

Reproduzimos os nomes dos índios iranches anotados pelo Pe. João Dorn-
 stauder em 1953. Acrescentamos os apelativos em língua iranche, que nos fo-
 ram recolhidos.

GRUPO DO CAP. ANTONIO:

Cap. Antônio Tamüli.
 Maria, mulher de Cap. Antônio, falecida.
 Atanásio Iolaci, filho deles, menino.
 José Ulimná, sobrinho de Cap. Antônio, jovem.
 Luís Tamurí, enteado de Antônio, rapaz.

André Kaiurí, enteado de Antônio, rapaz.
 Matias, falecido.
 Vicência, mãe de Matias, falecida.
 Celso (Sanso) Baramí, enteado de Matias, menino.
 N. N., filho de Matias, falecido.
 Mateus Mâteecí, adulto.
 Aureliana Atucci, mulher de Mateus, pertencente ao grupo de Cap. Acácio, adulta.
 Aníbal Nānari, filho de Mateus, casamento anterior, menino.
 Inocência, filho de Aureliana, casamento anterior, menino.
 Manoel Maria Tupin, irmão de Cap. Antônio, adulto.
 Inácio Kaioli, filho de Manoel Maria, adulto.
 Catarina Kamoetsin, mulher de Inácio, pertencente ao grupo de Cap. Acácio, jovem.
 Elias, filho dêles, menino.
 Tito Nāburi, irmão de Inácio, rapaz.
 Alonso Iraaguari, pertencente ao grupo de Cap. Acácio, adulto.
 Maria Rosa Nhemuêcin, mulher de Alonso, oven.
 Miguel Uiakuri, filho dêles, menino.
 Carlos Kānuli, filho do Cap. Canuto, grupo de Canuto, adulto.
 Terezinha Kamunlú, mulher de Carlos, grupo de Cap. Acácio, jovem.

GRUPO DO CAP. ANTÔNIO JOÃO:

Sabina, viúva de Pedro, falecida.
 Rufino, filho de Pedro e Sabina, falecido.
 Tomé Iarukari, irmão de Pedro, rapaz.
 Filomena Kutetsí, mulher de Tomé, filha de Matias, grupo de Cap. Antônio, jovem.
 Zacarias, irmão de Pedro, falecido.
 Isaque, irmão de Pedro, falecido.
 Urbano, irmão de Pedro, menino.
 Carlos (II), tio desses irmãos, falecido.

GRUPO DO CAP. JOSE'

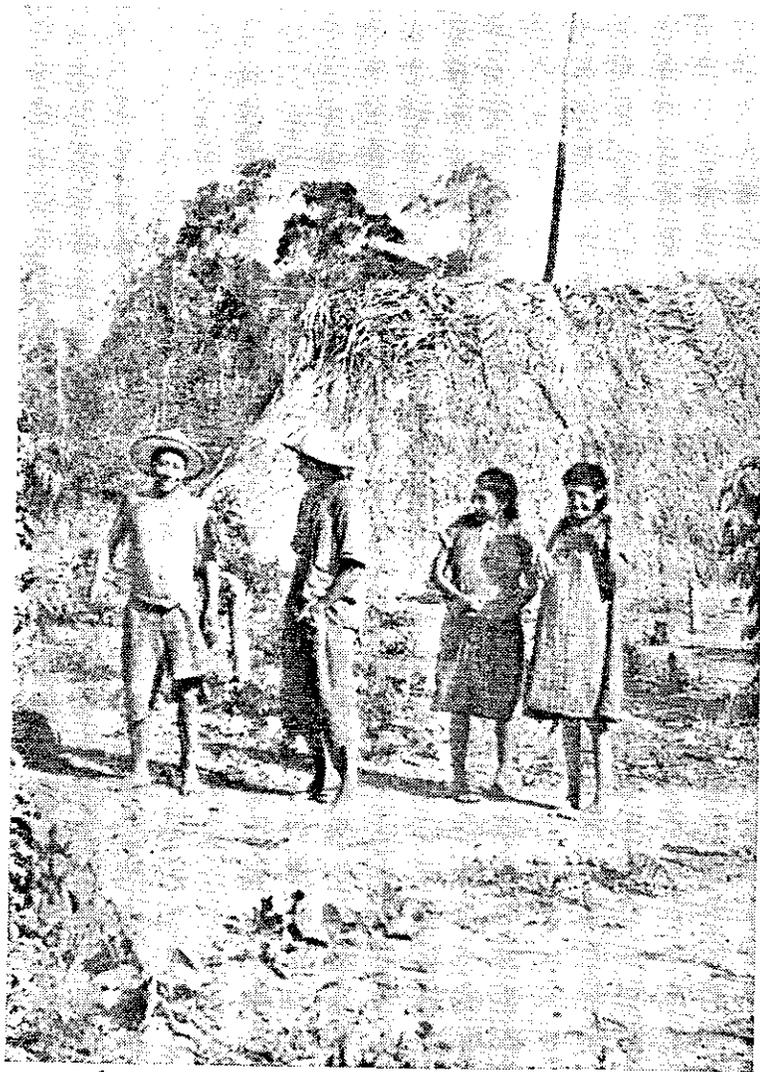
José Taburá, apelidado de Capitão José, filho do Cap. João, adulto.
 Maria Madalena Tepuusi (Tepulô), mulher de José Cap., adulta.
 Inocência, filho dêles. O verdadeiro pai já faleceu, menino.
 Bartolomeu Napokô, filho dêles, menino.

GRUPO DO CAP. ACÁCIO:

Sebastião Nhamaicí, irmão do Cap. Acácio, jovem.
 Máximo Arali (Atori), cego, viúvo, adulto.
 Benedito Tapurá, filho de Máximo, rapaz.
 Maurício Tupin, filho de Máximo, rapaz.
 Edmundo, filho de Máximo, falecido.
 Paulina Tipuusi, filha de Máximo, menina.
 Clovis Nhanurí, viúvo, pai de Domitila, adulto.
 José Miguel Ialokari, adulto.
 Aristides Oiakuri, irmão de José Miguel, rapaz.
 Armando Oiakuri, irmão de Maria Madalena e primo de Carlos, pertencente ao grupo de Cap. Canuto, rapaz.
 Alípio Xinhuri, rapaz.
 Lino Altari, rapaz.
 Vitor Orakuli, filho de Cap. Acácio, jovem.



Acampamento de caça e pesca. Ai resolveram levar o padre à maloca de baixo, onde governava o pai de Pedro. Condição, o padre ir sósinho. (Fotogr. do Padre Dornstauder).



Note-se a posição da maloca na roça. A inflexão dos pés das mulheres para dentro é normal entre as Iranche, paradas ou em movimento. (Fotogr. do Padre Dornstauder).



Ana, mulher de Jacó, fiando. Em segundo plano Terezinha. Jacó foi o chefe da expedição que se encontrou com Max Schmidt em Utiariti. (Fotogr. do Padre Dornstauder).



Apolônia, mulher de Coxividi, conserta uma rede. Note-se também o sistema de assento sobre o pé esquerdo. (Fotogr. do Padre Dornstauder)

Olavo Taburá, filho de Cap. Acácio, jovem.
 Genésia Mainici, irmã de José e de Aristides, jovem.
 Domitila Nãaci, filha de Clovis, jovem.
 Anita Kamaitaci, filha de Acácio, menina.
 Do grupo de Canuto: Armando e Carlos integraram-se em outros grupos.

NOTAS GRAMATICAIS

Apenas em 1955 é que se tornou possível um estudo sério sobre a língua iranche. Poucas palavras encontradas no vocabulário foram colhidas depois de 1955, mas a travação interna da linguagem era um segredo. No esforço de obter certeza das palavras colhidas, o vocabulário sofria quotidianamente uma prova. Quase simultaneamente, surgiram diversas notas com a revelação das formas verbais identificadas. Por fim José Miguel, em Diamantino, presenteou-me com uma narração em língua iranche, ditada. Ouvia eu pela primeira vez, pausadamente, o sotaque iranche e a revelação da contextura interna da formação de palavras.

Deste dia em diante meus companheiros sentiam facilidade na introdução desta língua, que desde 1929, desafiava qualquer penetração.

A narrativa, pois, de como surgiram os primeiros homens, abriu as portas da língua iranche. Antes, em 1954, ouvia às vezes a exclamação: «Padre num sabe nada, padre João é que sabe!» Tais expressões brotavam, quando, três ou quatro vezes, fazia que me repetissem a pronúncia, com o ouvido nos lábios do índio. Em fins de 1955 os índios diziam: «Agora padre sabe tudo». Com a fama de saber tudo eu ia mandando corrigir os erros de minhas elucubrações e composições, admirado de ver de fato confirmadas por seis índios as minhas palavras, por mim formadas e não ouvidas.

Não tenho visão clara de toda a composição iranche, porque muitas formas por mim apresentadas sofriam mudança na aglutinação por parte dos índios, que me devolviam as formas modificadas, contendo o sentido que eu intentava. Nem pude verificar leis na aglutinação. De fato, a única regra que me serviu, foi a eufonia.

Passo pois a referir as notas positivadas no estudo da gramática iranche, atualmente em fase ainda de crescimento.

1 — AGLUTINAÇÃO

Uma das primeiras anotações confirmadas foi o agrupamento de palavras na formação de uma palavra nova. Certa vez eu fazia ver a um moço, o Maurício Tupin, o fato de que os seus colegas me diziam palavras que, divididas, davam outras palavras, com pequenas mudanças eufônicas. O rapaz riu-se a valer do que eu lhe notava. Terminando a conversa, bom índio como é, contou-me um fato de sua vida na maloca; sem atender que me dava precisamente uma palavra composta: «Eu sei, padre, sei mesmo. Um dia mamãe, eu me lembro bem mesmo, mamãe me deu uma cabaca e falou só assim (fez gesto de que a mãe o levava para fora da maloca): totãlauá. Eu, pequeno, num sei nada, busquei água. Totãlauá: mamãe falou só isso!»

Dois elementos são claros nesta palavra da mãe de Maurício: to, ir e lauá (modificação de sauá), buscar. O que fica no meio pode ser perfeitamente a variação do radical mã: água.

Assim: vai água buscar, seria a ordem da mãe, incompreendida pelo pequeno em sua razão semântica e apenas aprendida pela experiência concreta de circunstâncias vitais.

A aglutinação de radicais e temas, tão generalizada, favorece imenso o uso da língua.

As leis, no entanto, de junção de radicais e temas restam matéria de ulterior investigação, que não se praticou ainda.

2 — AFIXOS

A partícula PU, que exprime uma negação, foi estudada metódicamente, uma vez que já existe a terminação LEIRA' (LERA', TERA'), que exprime uma negação peremptória.

As palavras portadoras de PU, tiveram sempre um sentido contrário no sentido das palavras não portadoras desta partícula. Mas o sentido contrário não se define por uma contradição, uma negação de todo o conteúdo do significado, mas só de uma qualidade.

Vimos então que esta partícula original iraniche, gera uma série de sentidos diferentes, opostos, contrários, numa gama rica de conteúdo noético. A terminação LERA', ao contrário, sempre significa uma negação, indicando impossibilidade, impotência.

Assim: IAMA': pequeno; iamapú: grande (pequeno não); iamalera': nada; TAKAHA': saber; takapú: esquecer-se; takalera': não saber.

Portanto, por meio da partícula PU se podem exprimir alguns sentidos que indicam penetração aguda psicológica. Pode-se por meio desta partícula exprimir indecisão, falta de ocasião, imprevisto, pormenores.

Talvez o único componente que exprime tanta variedade de pormenores seja a palavra IONI' (radical: iõ). Significando OUTRO, esta palavra se presta a formar sentidos parecidos, pouco diferentes, abrindo um campo vasto para neologismos.

Assim: MIFI': fio; iõnipi': linha de pesca (outro fio).

KA, é partícula notada, de emprêgo mais restrito, indicando o plural. Empregada apenas nos verbos até hoje.

ákakini': come! ákakalkini': come!

3 — ESTUDO DAS TERMINAÇÕES

Certas terminações são portadoras de sentidos determinados:

— CI: terminação substantivada. Iamá: pequeno; iamaci': cousa pequena.

— KÜ: designa a causa, a origem. Opá: alto; opákekü: do alto, o do alto.

— .A, .E, .I, .U (e algumas vezes .Ü), designam cousas sensíveis.

Experimentei acrescentar a terminação CI a estas terminações e os iraniches sempre rejeitaram tal acréscimo. Como estas palavras, no entanto são usadas às vezes como categorias imprecisas, de gramática, as terminações devem ser submetidas a estudos ulteriores.

— LERA': negação cerce, total. Taleirá: não vou (não vou mesmo- impotência, vontade decidida, que impedem a ida).

— PU: estudada já.

— TAHA': indica permissão: Tonitahá: agora pode ir (to, ir; ni: agora tahá: se pode).

— OHÜ: ação ativa, desenvolvimento, mudança. Terminação de muito uso fazendo as vezes de verdadeiro verbo auxiliar. E' uma terminação verbalizadora. Provavelmente é uma corruptela do verbo TOHÜ: ir.

ma.i grande; maiohü: crescer.

puitá: força; puitalohü: apertar.

A plasticidade do emprêgo desta terminação, faz dela uma das grandes responsáveis na formação de palavras. Por ela se traduzem as atividades, o esforço efetivo. Notável é a junção com a partícula PU, formando a terminação complexa: PTOHÜ.

As terminações verbais identificadas são as seguintes:

— PANT': primeira pessoa, para o presente e futuro. (também: BANT', tolopani': vou, irei. (O verdadeiro presente: hiah: tohiah).

— TINI': segunda e terceira pessoa, para o presente e futuro. (As vezes no entanto se usa esta forma para a primeira pessoa.

— MINI': designa ser, estar. Idekalomini': faz muito calor (ide: calor, quente; kalo: muito; mini': é, está).

— HIETANI': primeira pessoa do plural do presente e futuro. Tohietani': vamos, iremos.

— ADA', ÜDA', MÜNDA', MÜNADA', NAMÜDA': são formas usadas como terminações mas de significação não identificada ao certo. Sua determinação quanto ao sentido aclarará a questão da primeira e segunda pessoas que se têm até por hoje indistintas com exceção de HIAH, que é pouco usado, designativo certo da primeira pessoa do singular do presente.

— MAK.REIÜDA' (makmreiüdá): passado usado em contos. To.mak.reiüdá: foi.

— MAK.REMÜNDA' (makmremündá): forma plural do passado usado em contos. To.mak.remündá: foram.

To.mak.remündá: foram.

— KINI': imperativo. Tokini': vá. Plural: tokalkini'.

— KIKIA': designa o passivo. Kalekikiá: aberto. Não sofre flexão.

4 — CATEGORIAS GRAMATICAS

Do que ficou exposto se pode concluir que algumas formas são claramente determinadas, como por exemplo CI, OHÜ', que pertencem respectivamente às categorias: substantivo e verbo.

As outras formas se classificam pela natureza mesma do sentido, passíveis de determinação substantiva e verbal por meio de sufixos.

LENDAS

Münk.lori (faz tempo) iauiaulí (bicho) alomahü (pedra grande) a. mak.reiüdá (viu). Nainamanhá (depois) ahí (paca) kátekalepapumak reiüdá (mordendo furou um pouco) mühü (dente) kátekalepamak. reiüdá (abrindo, quebrou o dente). Makixikianá (cotia também) tepapukaüimák. reiüdá (quis abrir) kátekalepamak. reiüdá (abrindo quebrou o dente). Iauiaulí (bicho) iepte.ê (todo) alomahü (pedra grande) tepapukaüimák. remündá (quiseram furar). Kêtapxi (um sôzinho, cada um) kamak. reiüdá (chegava) mühü (dente) kátekalepalí (quebrar dente) toh. mak. reiüdá (foi-se embora). Tânnamahâ (depois) iõnioli (outro) kastahmak. reiüdá (veio e voltou — supõe-se que quebravam o dente).

Nünkabübü (também êstes) miktumak.remündá (dente diferente ficaram). Alomahü (pedra grande) tepakikatimak. reiüdá (quase ficou furada). Tânnamahâ (depois) tumaní (pica-páu) tepapiu makreiüdá (furou, olhou dentro). Tânnamahâ (depois) münkü (homem) iepte.ê (todo) oehimák.rebümündá (sairam). Iaurinamahâ (homem velho então) ximapteüimák. reiüdá (não apareceu). Maimüakü (os índios) künékü juntos oehimákremündá (sairam). Tânnamahâ Münkü (Iranche), Kurali (amigo — índio pareci também) ieptehê (todos) künahâ (juntos também) ikiamákremündá (moram). Tânnamahâ (depois) uramamanâ (índios brabos) täimkipü (não quiseram) ikiamákremündá (morar).

José Miguel acrescentou, quando terminou de contar esta lenda em Diamantino, em 1955: o velho que ficara dentro da pedra, foi fechado porque os índios que saíram taparam o buraco bem tapado e o velho não morreu até hoje. Disse que os antepassados antigos conheceram os homens que saíram da pedra.

Disse também que esta pedra se encontra na região de Ponte de Pedra, região também conhecida dos índios parecí, pois que os parecí também saíram de lá e também contam esta lenda.

Clovis, flecheiro muito estimado na tribo iranche, disse que se pudesse, ia procurar a pedra e abri-la para ver o velho que está lá dentro.

Esta lenda foi contada diversas vezes por outros índios iranche.

Outra lenda, contada infelizmente por partes, diversas vezes, é a do aparecimento da roça. Contam assim:

Um dia uma menina disse à mãe que a enterrasse. A mãe a enterrou ao meio dia. De tarde a mãe ouviu gritos do lugar onde enterrara a filha. No dia seguinte teve saudade e foi ver o lugar e encontrou muitas plantas. De cada parte do corpo da menina brotara uma espécie de planta.

Os índios então passam a descrever as diversas espécies de planta que cultivam, fazendo referência às partes do corpo da menina.

Não pude aproveitar plenamente esta lenda porque os índios me contavam depressa demais para eu poder positivar o sentido das palavras e anotar os sons. Também me faltaram conhecimento de algumas plantas que os índios referiam e que não conheço. Meus companheiros também não puderam assentar nada de definitivo.

Outra lenda, que ouvi apenas uma vez, da boca de José Miguel, na roça de Frei Manoel em Diamantino, foi a das estrélas. O que consegui positivar foi o seguinte:

Um homem, certa vez, gostou de ver as estrélas e desejou ir vê-las. Naquele tempo havia muita gente vivendo. Certo dia, uma estréla desceu até perto dele e perguntou se ele não queria ir ver as estrélas e subir com ele. Ele perguntou às mulheres e falou que ia. As mulheres riram-se dele. Ele foi com a estréla e outro homem também foi com ele. Quando desceram pregaram muitas mentiras para as mulheres e elas também quiseram ir. Depois que subiram todos, as estrélas brigaram e todos sofreram muita fome e os homens (não sei se na terra ou na estréla) se guerrearam e se separaram.

O final da história não ficou claro, mas parecia-me ter ouvido que as estrélas jogaram fogo na terra e muitas estrélas se enraivecaram porque houve fogo na terra.

Dos homens que subiram com as estrélas, todos queriam voltar para a terra e muitos morreram, na luta das estrélas.

José Miguel não me disse da sorte dos que não morreram.

Os índios dizem que entre si contam outras histórias e as histórias de animais são muitas. Não pude entretanto colher mais do que ficou aqui exposto.

Este material no entanto insinua uma interpretação bem iranche das lendas comuns a muitas tribos de índios. Dão de fato um caráter tribal iranche, que se define pelo modo idiótico da narração, como na lenda da roça, em que narram a aparição lendária de certas plantas iranche. Se se confirma a narração da aparição do fogo por meio de luta de estrélas, teremos mais um dado original iranche.

CARTAS

José Miguel ditou-me uma carta para seu irmão Aristides, pois eu partia de Diamantino para Utiariti, onde encontraria Aristides:

Ialokaxi (José Miguel) Oiakulí (Aristides).

Teuparokini (você me espere), olitolopani (vou-me embora).

Náinamahá (também) iukaionepani (não quero mais ficar). Oipaliipkietnetini (não sei onde vou morar). Tali (vou-me embora), ukaná (ai) uaparekiní (você precisa esperar). Utromanaletomi (depois das chuvas — no tempo do começo da seca) tolopani (vou-me embora).

Esta carta foi-me ditada e a tradução foi-me dada por ele mesmo, logo depois de ditada a carta.

No dia 21 de Maio de 1956, escrevi de São Leopoldo, aqui no Estado do Rio Grande do Sul, uma carta para os meus iranche de Utiariti. Fr. Adalberto que ficara em meu lugar em Utiariti, tomando conta dos meninos índios, atestou-me mais tarde, que os meninos quando ouviram a minha carta, ficaram impressionados. Entenderam o que eu queria dizer. A carta é a que se segue:

Irãxe are kökülü. Arê cöcülü ma.í.
(Eu gosto dos Iranche. Eu gosto muito). Apaná (aqui) nágegená (agora) Rio Grande do Sul, matí (frio) ma.í (muito). Ilehé (sol) Ximaku-tini (aparece) iepte.ê (tudo) nakatá (branco). Idamaitakehé (meio dia) patá (terra) nakatá (branca) leirá (não). Patá (terra) maläintohú (ficar bonita), münktohú (de noite) oirabú (lua) iepte.ê (tudo) nakatohú (fica branco), matí (frio) ma.í (muito). Buhú (chuva) matí (fria) slikiúlotini (cai).

Arê (eu) ternin (longe), Iranxe temin (Iranche longe), arê pase.ê (ou rezo). Jesuxi aná (Jesus escuta). Arê takahá (eu sei). Jesuxi, padre Iranxe (a Jesus, padre e Iranche) iepte.ê (todos) uütakaikini (vão obedecer). Missa ianá (Missa ouvir), paseskalkini (rezem). Arê ieiurani (Eu contente). Arê (eu) paselobani (vou rezar) iamapk (muito).

NEOLOGISMOS

ã.mipini — linha de pesca (ã:

ORAÇÕES

Estas orações foram compostas junto com os índios que já inventavam neologismos para assuntos religiosos. Revistas diversas vezes, foram comprovadas com o uso, assim como os mandamentos, que sob o título de orações, aqui ficam expostos. Os cantos impressionam espetacularmente os velhos da tribo, que ficam absortos, quando assistem a reuniões onde os meninos e moços cantam.

Nhãmeiã: Pai Nosso:

Nãmeiã (Pai nosso) mäketaniptini (no céu moras) Sëkinã (a Ti) münkü (homens) natuopaseskalkini (rezem e obedecem), mekalosëkina (muitos bens Teus)

outro; mipi: fio)
aciuli — sapato (provavelmente simples transposição do calçado iranche)
alapuhivavali — papel
ianãnãko.í — linha (algodão)
iatakiti — pólvora (kití: preto)
iãtali — caminhão (iõ: outro; tali: li: trovão)
kalapü — enxada (mesmo que pacü — peixe)
kulupali — demônio (transposição de feio)
kurateamüci — pão de milho (kurate: milho)
mäketa — céu
mäkü.ü — espingarda
mäkü.ü iamaci — revólver
mamã — camisa
mäthiamã — calça
meivitapá — medalha
niake.í — espelho
opahiãtali — avião (opa: alto; iãtali: caminhão)
paloci — alma
pinãnãki — foice
täpasápakeí — cinto
tepá — machado

lätasotkini (nos dês), sëkinã (a Ti) mäketa (céu) patá (terra) uaituütakaikini (obedeçam). Marökehü (todo o dia) äkatämäli (comer) lätasotkini (nos dês).

iamanäkulupali (nosso pecado)
mesikini (perdão) ionikina (outro
também) keitanã (também) ia-
mamesikapühdã (nós perdoamos),
ainaiauli (espírito mau) pokahti-

Ave Maria:

Ave Maria sei. Takani mehü
iepte.ê kabulotini (estás chela),
namüoni terá sei beualakikiatini
niim seikinã o.nã Jesuchi beuala-
kikiatini. Santa Maria Taka.ê
Melin iamäkulupali panikini nä-
gegenã alëkuli. Cötukini.

Esta Ave Maria deverá ser
aperfeiçoada, pois a tradução im-
perfeita já pode ser corrigida. Em
vez de «namüoni terá» se deve

Ato de Contrição:

Jesuxi (Jesus) sei (tu) arekinã
(para mim) mäketã (céu) iätake-
hümündã (para dar) meanãpã
(cruz) alëlumakmreoudã (morres-
te). Arë (eu) kulupanamündã

Credo:

Taka.ê Mãinhã (Deus Pai)
iepte.ê puitã (todo-poderoso) mä-
keta, pata manãrikü (criador do
céu, terra) adeanapiukeanapaani
(creio). Nünmeiã (dele também)
këtapxi (um só) o.nã (filho) Je-
suxi (Jesus) iamãmanãrikü (nos-
so senhor) adeanapiukeanapaani
(creio). Nüni Ainã Santoxi (dele
Espírito Santo) upsalerã (virgem)
Maria müngsokikiamakmreiüdã
(Maria ficou prenhe). Nüni Ma-
ria Jesuxi epamak.reiüda. (De
Maria Jesus nasceu). Poncio Pi-
latoni minillmak.reiüda (Poncio
Pilatos mandou): Jesuxi ichün
(Jesus sofreu), meanampa (cruz)
tapeteleleikikiamakmreiüda (foi
pregado). Alenkümak.reiüda
(morreu). Liboni siklumak.reiüda
(desceu ao limbo), mahã (dia)
patekipü (três) opamak.reiüda
(esperou). Tämmamahã (depois)

ni (chamado - tentação) iamãsi-
kiuleirakini (nós cairmos não del-
xes), kulupali (mal) xatokoleira-
kini (chegar não deixes). Kötü-
kini (Assim seja).

usar com mais justeza, provável-
mente a composição: «seinã-
müöpu.

A tradução ao pé da letra é es-
ta: Ave Maria tu de Deus bom
todo estás chela, mulher outra
não, tu és bendita (bem falada),
ventre de ti filho Jesus é bendi-
to. Santa Maria Deus Mãe nós
pecadores roga agora, morrer
(morte). Assim seja.

(pequei) malatololümbã (triste,
arrepentido) arekinã (a mim)
mesikini (perdão). Arë (eu) io-
nieüchü (outra vez) kulupataikpü
(pecar não quero).

tanasotalkiumak.reiühdã (ficou vi-
vo por si). Mäketã (céu) pötku-
lomalak.reiühdã (subiu). Taka.ê
Mãinhã (Deus Pai) ieptepuitã
(todo-poderoso) mehü (direito)
kalapatxi (lado) nägegenã (ago-
ra) Jesuxi oidukulotini (está sen-
tado). Tamnamahã (então) oi-
ciel (depois) ximukulotini (apa-
recerã), müinkü (homens) iepte.ê
(todos), tana, alëkukikida (vivos,
mortos) iamtaxalometini (cha-
marã — julgarã). Arë (eu)
Ainã Santoni, santani Igreja
Catollxi, Santoni künekü mehü
(comunhão dos santos — bem
dos santos) kulupali mesilü (per-
dão dos pecados), moitatanlaso-
tini (vida da carne de novo), ta-
nalepte.ê (vida sempre) anapiu-
keanapaani (creio). Cötukini (As-
sim seja).

CONCLUSÃO

Em resumo do que ficou proposto neste artigo, se pode condensar
as seguintes afirmações:

1 — Fica mais esclarecida a posição da tribo iranche. Certo está
que em 1953 os iranche habitavam somente a margem direita do rio
Cravari. Notícia dada por diversos seringueiros e em diversos tempos,
o rio Cravari é afluente do rio Sangue.

Da turma de índios iranche perdida pela região da barra do rio
Cravari com o rio Sangue não se tem notícia.

2 — Os iranche são amigos dos Pareci e inimigos dos Beijo-de-
pau ou «Tikóli». Confusas são as notícias a respeito dos «Maimüa-
kü», não se sabendo ao certo que tribo de índios são e se são real-
mente inimigos dos iranche.

3 — Foram notadas como características dos iranche:

Cultura material: o arco estreito e proeminente, o tufo de penas
de tucano, duas espécies somente de mandioca e roças bem cuidadas.

Cultura não material: grande valorização da agricultura, educação
acentuadamente individual, o pudor, o comedimento que chega até à ti-
midéz, o descontrolo notável em questão de mulheres, o sentido huma-
no-imaginoso da natureza e da religião, o sentido de «boa-vidismo» na
natureza moral.

4 — A língua iranche apresenta-se com características próprias,
inconfundíveis pela forma das palavras e pela travação semântica, ha-
ja visto a partícula PU e a terminação OHU', geradoras de infinitudes
de pormenores: PU dando sentidos opostos e diferentes dentro de um
mesmo campo de sentido e OHU' produzindo em grande escala os senti-
dos de tornar-se, ficar, fazer, produzir, caminhar, agir, enfim: uma
ação ativa e nativa de um ser.

A simples justaposição por eufonia de raízes, radicais, temas e pa-
lavras na formação de uma palavra nova, de uma expressão comple-
xa, desrespeitando todo entrave de categoria gramatical, facilita a in-
ventiva de expressão, fixando-se a forma por uma determinação de de-
stinação que precisa ser ainda penetrada e regularizada em suas leis.

Merece estudo especial a partícula NÜM, provavelmente uma apli-
cação modificada da partícula NU, própria das línguas NU-aruaques.
NÜM como pronome relativo, se classifica perfeitamente como agente
distintivo de família linguística, dentro da família aruaque e nu-aruaque.
Nu-aruaque porque contém a partícula NU entre os pronomes e espé-
cie do nu-aruaque bem distinta, porque este NU não se emprega para
a primeira pessoa, que sempre se encontrou constantemente: ARE.

5 — Enfim a tribo iranche se encontra em estado de dissolução,
desgovernada internamente e dirigida eficazmente de Utiariti por ho-
mens que de seus só querem ter o coração do brasileiros.

- (6) De fato, não fizeram mais que identificar seringueiras. Mesmo o Barracão de Mário Spineilli, entre o córrego Grande e o do Cemitério, foi queimado, dando origem no lugar chamado Barracão Queimado, que na margem esquerda do Cravari, tanto aparece na Crônica dos Iranche: ano de 1953, nas percorridas do Pe. João Dornstauder. Em 1954 abriram um campo de aviação, na cabeceira do córrego do Cemitério, para caso de emergência no carregamento da borracha e serviço dos seringais do Norte e Oeste, não usado ainda.
- (7) Não faz o Pe. Dornstauder alusão à maloca de José Capitão, que consta do roteiro.
- (8) Mais uma prova inequívoca do caráter arredio da tribo. É de notar que o caráter religioso não influenciava negativamente, pois o padre não era conhecido. O fato deste sacerdote soube superar o caráter tímido dos índios.
- (9) Pena que não encontramos mais pormenores sobre o modo de se saudarem mais que o simples fato de se declararem presentes, pois logo se põem a conversar. — O pressentimento augurado não se realizou, pois a criança foi salva pelo mesmo sacerdote como mais adiante se refere de modo comovente.
- (10) Este "êle", se refere a Antônio João, pois no Diário todo o relato que termina com a viagem, se condensa sob o título de Antônio João, em nota.
- (11) A pergunta de Isaqué, que persegue um dado maravilhoso, inexplicável em sua mente, supõe sinceramente que o padre lhe haveria de responder com a verdade, conhecida antes da realização. Isto nos leva a positivar na alma iranche de Isaqué um impulso para o absolutamente certo existente neste mundo. Supõe também uma prova irrefragável do testemunho do padre, que deve argumentar com um fato inconcusso. Esta prova a que o iranche submete o civilizado se estende a todo gênero de atividade: querem provar a paciência, a veracidade, o poder, a agilidade, etc. Um dado de aculturação digno de nota e estudo, mas que não pode ser desenvolvido neste artigo.
- (12) Dado precioso, pois as mulheres iranches sempre aparecem com menos trabalho do que as índias de outras tribos.
- (13) O Pe. João fizera com os índios iranches uma maloca que servia de pouso para o padre em suas visitas e ao mesmo tempo de capela, onde colocara um crucifixo e lá deixara. A capela foi destruída no ano anterior. Pedro pelo que consta da relação dos índios, foi o índio principal de uma ação conjunta em que desfizeram golpes no crucifixo com facão e gritaram e fizeram demonstração de protesto. Pedro deu um talho na cabeça do crucifixo. Os outros não tocaram. O crucifixo ficou no chão. Mais tarde, depois da morte de Acácia a maloca-capela foi queimada e todo o lugar abandonado. Nem se pôde ainda buscar o crucifixo. O Pe. João sabia muito bem que tal ato era fruto de ignorância crassa, de superstição que só aos poucos seria aclarada.
- (14) O fato foi registrado em Utiariti no posto meteorológico, pois uma estrela cadente foi surpreendida pouco antes de fenecer, precisamente na direção NNE de Utiariti, direção das malocas de baixo dos Iranche. A hora também corresponde, como o dia... A luz fenecera aos olhos do observador, sem se notar ruído.
- (15) Esta nota é de importância, pois o Pe. Dornstauder conhecia bem os Nambiquara e os Pareci. Notara algo de idiótico na música iranche, que é diferente, da música dos pareci em seus temas e desenvolvimentos, ainda que ao leigo na matéria, pareçam idênticas.
- (16) Infelizmente não foi observado o modo de contar e reter a duração dos dias de viagem dos índios iranche.
- (17) O capim na seca é queimado para que ao brotarem os rebentos novos, venham os veados a pastar. Os índios assim, em áreas relativamente pequenas, têm segura a caça de veados, que se agrupam.
- (18) Fôlha da Noite — São Paulo: 31 de Dezembro de 1956. 19.º artigo de uma série intitulada: Viagem ao Centro-Norte de Mato Grosso. A referência que fazemos a um possível método ideal de aculturação, precisa ser tomada como complexiva de todos os elementos concretos de influência. Não possuem os jesuítas um método transcendente, que se aplica de olhos fechados. A tese val mais simples: eles têm a seu favor um complexo de concepções objetivas, um enquadramento ou seja uma ambientação índia feliz e por fim um ambiente razoavelmente favorável de ação. Por parte do índio, temos que o índio se vê a si mesmo lucrando totalmente, no intercâmbio de aculturação: vê que êle mesmo valoriza o conteúdo dos seus der-

dor e êle mesmo taxa livremente o preço de suas aquisições.

E sabemos que nas pretensões fundamentais do coração humano, nós e as raças primitivas (assim chamadas), todos somos iguais, somos todos irmãos, entendemo-nos perfeitamente, sem necessidade de estudos exaustivos prévios, pois a aculturação é um dado vital, que se descreve pela doação de uma vida e se define pela solução do problema universal da dor, concretamente, dia a dia, em todas as circunstâncias da vida.

- (19) Cfr. Publ. n.º 08, cit., pág. 88.
- (20) Ibid. supra cit., pág. 81.
- (21) Ibid.
- (22) Ibid. Cfr. nota n.º 2 deste artigo, completada com as observações presentes, que discutem quanto é possível o estado da questão lançado na nota n.º 2.
- (23) Já o sistema de hiato aparece em oposição no sistema de ditongo iranche, além da diferença de forma de palavras, profundamente diversas — é um sinal inequívoco.
- (24) Supra cit. nota n.º 3, deste artigo.
- (25) Já na pronúncia da palavra Utiariti, estação telegráfica e posto missionário jesuítico. Os pareci pronunciam: U—ti—a—ri—ed. Os Iranche pronunciam como nós: U—tia—ri—ti.

SUMMARY OS IRANCHE

The article — "Os Iranche" — reveals the original data about the tribal way of living of the Iranche tribe and their language. This is the main value of the article. It adds also the few notes taken by Rondon and Max Schmidt concerning this same tribe. The photographic documentation and the traveller's route map explain and increase its value for historical and ethnographic purposes.

The first part, devoted to the history of the relationship between the civilized and the Iranche, describes the last days of the tribe in its native tribal habitat, for today it is already in a state of becoming cultured, due to the three combined factors: fever epidemics, the fights of the Iranche groups among themselves and finally the attacks from the indian tribes, their enemies.

In the second part facts and notes are gathered about the material and spiritual culture of the Iranche. These notes are characterized by their brevity, being as they are the results of brief and necessarily incomplete observations made by those who are dealing with a shy people who do not like to tell you what is strictly their own.

In the third part we can find a specific document, the language of the Iranche learned in the day to day work of their civilization, almost entirely outside the indian territory. This study, starting with the vocabulary, leads you all the way through grammar until the formation of idioms, making you capable at least for an initial practice of the language. There is in addition to this an analysis of texts.

ZUSAMMENFASSUNG.

Die vorliegende Arbeit behandelt den Stamm der Iranche-Indianer im brasilianischen Staate Mato Grosso; neben der Verwendung der bereits von Candido Rondon und Max Schmidt veröffentlichten Einzelheiten erbringt der Verfasser eine grosse Menge von eigenen Beobachtungen, die das Bild dieses bisher recht duerftig bekannten Stammes wesentlich bereichern. Unveröffentlicht waren auch bisher die beigegebene Reisekarte von J. Dornstauder SJ und dessen vorzuegliche Angaben ueber die Indianer von Mato Grosso.

Anexo ao artigo OS IRANCHE

Quando o artigo sobre os índios iranche rodava já pelas últimas fases de impressão, chegaram às nossas mãos as presentes notas do Rev. Pe. João Dornstauder, S. J., informante principal da primeira parte do artigo.

Sendo agora impossível inserir no corpo do artigo as contribuições positivas do missionário, ficam aqui compostas em forma de Anexo.

“Fases de grande calma e de trabalho positivo, correram prolongadas. Para exemplo apresento as seguintes datas: em 1948, a fase do Posto Tolosa; em 1949 a ação em Utiariti; no mesmo ano temos ainda dois meses de viagem pelas aldeias. Os dois meses na aldeia de Acácio (junho e outubro), eu considero essencial, pelas finalidades em vista: quebrar a desconfiança dos Iranche, para penetrar no segredo da língua, para conhecimento da vida da tribo original. É de notar que nestes dois meses os índios permaneceram sosinhos. Os períodos de paz e calma, que se situam por entre os períodos de luta e doença e correrias, merecem um tratamento a parte, pela importância que tiveram dentro do conjunto histórico. Quando se fizer luz sobre estes períodos, novas perspectivas se abrirão para a história da tribo iranche.

“O caso do crucifixo, anotado à página 148 do artigo e mais desenvolvido na nota da página 177 (nota 13), aconteceu assim: Os precedentes do fato em questão foram as mortes das seguintes pessoas: dos pais de Acácio, de Teresa, mulher de João e de duas crianças. Os índios procuraram o responsável. Alguns, com o chefe Pedro à frente, julgaram que o responsável haveria de ser o padre ou seu “santo”.

Acácio confessou que agiram, porque estavam muito tristes. Muitos deles não aprovaram os atos. Atiraram também flechas pequenas, mágicas. O crucifixo não ficou no chão.

— Antônio, para criar intrigas, veio avisar em Utiariti, que Acácio quebrara o crucifixo e que queimara a casa. Acácio, em dezembro de 1950, interrogado logo na sua chegada, negou o fato. Verifiquei pessoalmente, dois meses mais tarde, que Acácio não mentiu.

Em 1951, quando trouxe as crianças, a casa do Padre era a melhor conservada das quatro então existentes. A maioria dos Iranche até pousou nela, na última noite antes de sair. Se depois caiu e se queimou, foi porque o lugar foi abandonado. Partilhou da sorte dos outros ranchos. Os coladores e exploradores de seringa nos anos de 1949, 1950 e 1951, chamaram a maloca de Acácio de “maloca da igreja”.

"A respeito da nota número quatro (pág.176), tenho a acrescentar o seguinte: Os Beijo-de-Pau são conhecidos, ainda que não estudados. Este conhecimento desce do tempo da navegação do rio Arinos e depois da primeira seringa. Supõe-se que por volta de 1920, abandonaram o lado direito do rio Arinos. Hoje vivem no trecho compreendido entre a Barra do rio Alegre (Parecís) e a margem esquerda do Artur Borges (Tapanhuna ou S. Wenceslau), mas passam para a margem direita, para caças. No Arinos hostilizaram o avanço dos seringueiros e das empresas de colonização desde 1946. Flecharam a todos indistintamente, mas não sistematicamente. Deram mostras até de uma índole brincalhona e por vezes aceitaram brindes.

Últimamente, não só aceitam, mas deixam objetos para trocar.

Na parte Sul, onde seu território se encosta no rio do Sangue e Ponte de Pedra, hostilizaram, ainda que não continuamente assim seringueiros, como empregados da Linha Telegráfica. Aí também, ultimamente, aceitam presentes, segundo informação do Padre Edgar Schmidt, S. J.

"Quanto às doenças: pela lista dos falecidos até 1950 e pelo estudo dos casos, resulta que não houve preferências de local nem responsável isolado.

A primeira epidemia, deu-se no Posto Tolosa, em 1948.

A segunda, em 1950, foi levada do Posto Tolosa e grassou na maloca de Acácio.

A terceira, pelos fins de 1950 e princípios de 1951 foi a coreana que irrompeu na maloca, donde os índios saíram em procura de ajuda. Vão eles ao Posto e a Utiariti. Fizeram acampamento passageiro no rio Sacre, na passagem da Linha Telegráfica, onde morre a mulher de Mateus. Alguns atribuem a moléstia ao padre.

A quarta epidemia, em 1951, surgiu na aldeia de Acácio. Alguns atribuem a causa a Lourenço e Roberto, norte-americanos.

É preciso observar que os Iranche quando falam das três últimas epidemias, referem-se sempre também a ferimentos causados por seringueiros, a envenenamentos, a brigas internas.

É preciso notar igualmente que antes de 1946, conforme contam os mesmos Iranche e o estado de várias taperas atestaram, como pude verificar, houve várias epidemias.

"Com respeito à ação com os índios, tenho também algo a dizer a mais: A indecisão dos funcionários do SPI ocasionou uma medida de emergência, perfeitamente harmonizável com qualquer ulterior resolução do mesmo Serviço: a fundação de um Posto de catequese nos meses de junho e outubro de 1949. Além das razões internas, esta decisão foi determinada pela aproximação dos seringueiros à maloca e pelas insistências dos próprios índios.

Sòzinho quase todo este tempo com os índios na maloca, fui ajudado pelos índios, segundo seu modo de trabalho. Foi feita também uma roça à volta da casa, fazendo o chefe Acácio, doação dela, expressa, ao padre. O significado real desta doação é a expressão de satisfação pelas iniciativas do padre. A roça não se destinava a fins lucrativos mas à utilidade dos próprios índios.

Em outubro foram plantadas bananeiras, ananases, cajueiros, etc. Foi lançada uma ponte, no córrego então chamado Paredão.

"A decisão (pág. 147) de descer às malocas de baixo, mas não às últimas, merece explicação. Vieram comigo Armando e André. Armando levou os burros de volta a Utiariti e André me ia levar à maloca do seu tio-pai, Antônio, que estava "perto", só três dias de viagem. Antônio fazia a derrubada. Chegados que fomos à maloca, já em águas do Nascente, tratei logo da ida aos Iranche de baixo. A ida já tinha sido combinada anteriormente. Mas na hora de realizar a viagem, apareceram dificuldades: a roça ainda não

estava pronta; alguns se opuseram, principalmente as mulheres. Antônio por sua vez fez uma contraproposta: visitar primeiro a Pedro e a Antônio João, que moravam para baixo pois havia já vários meses que não se comunicava com eles. Pedro e Antônio João moravam bem mais para cima do lugar que eu pretendia atingir. Assim ficou impossibilitada a ida às últimas malocas de baixo. Influuiu também, sem dúvida, a resolução de Antônio de introduzir novamente a "disciplina da flauta".

"Não sendo possível, de momento, fornecer os pormenores necessários para completar a relação publicada, retocarei em hora oportuna os dados em minha posse, com visto de publicação ordenada. Muitas notas possui a respeito da cultura imaterial dos índios iranche, que só com o tempo poderei redigir. Estou redigindo a amplo fôlego, um tratamento descritivo. Três assuntos se me deparam dignos de maior consideração: Os dados inéditos sobre os contatos iniciais, que permitem apreciações imediatas da vida tribal ainda intacta; a catequese; a "extinção da tribo iranche".

Estas foram as breves notas e observações do padre João Dornstauder, contendo promessas de documentação mais abundante, objeto altamente cobijado pelos investigadores do modo tribal nativo da vida iranche.